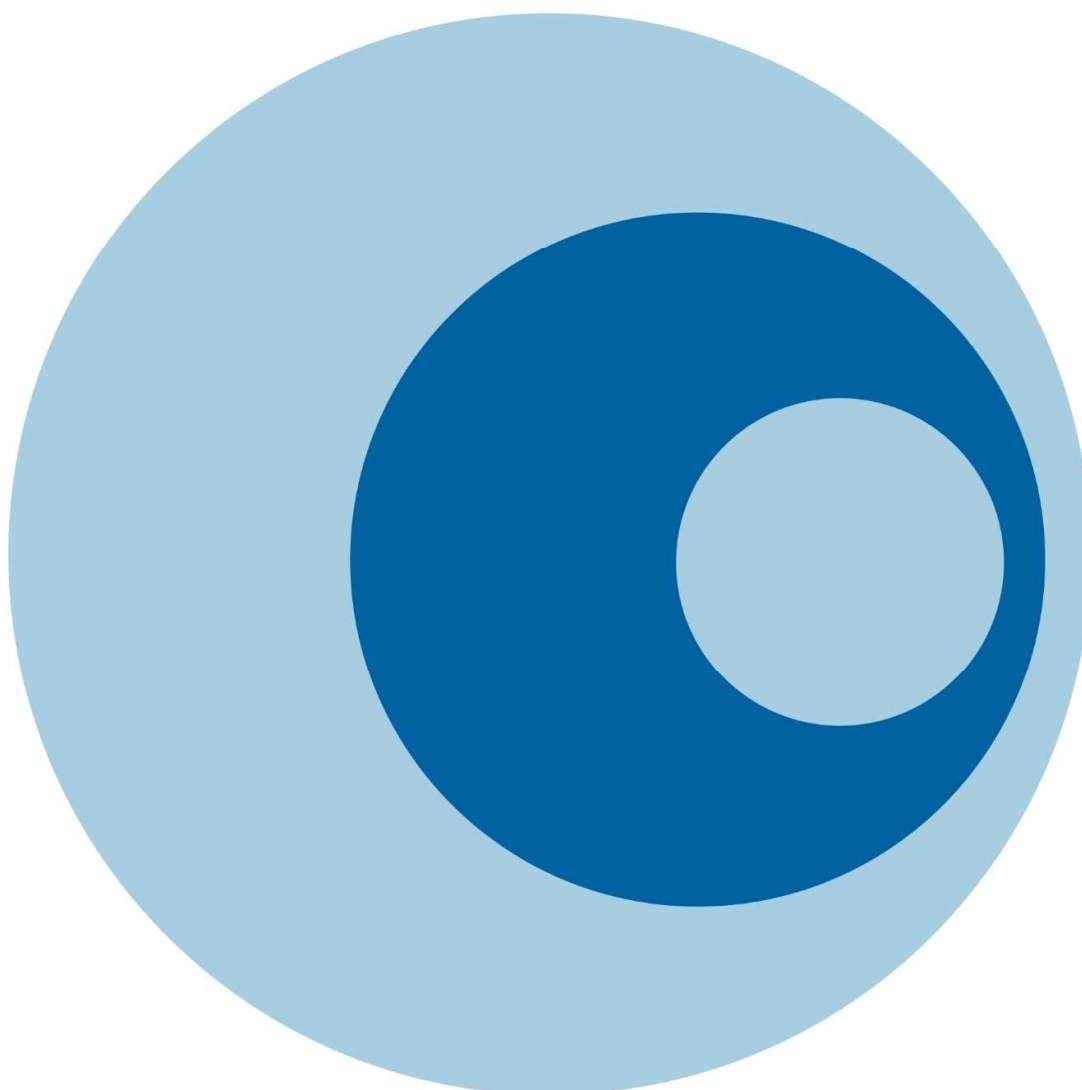


SONDAGEM

ICS / ISCTE

Fevereiro/Março 2026
Parte 2



ÍNDICE

1. Ficha técnica	2
2. Portugal tem ido pelo caminho certo ou pelo caminho errado?	3
3. Evolução da situação económica do país	5
4. Avaliação do desempenho do governo	8
5. Satisfação com o modo como o governo tem lidado com diferentes temas	11
6. Avaliação do desempenho do governo em resposta aos efeitos das tempestades	17
7. Houve aproveitamento político dos efeitos das tempestades por José Luís Carneiro e André Ventura?	20
8. A oposição deve colaborar ou fiscalizar o governo durante a recuperação das zonas afetadas pelas tempestades?	23
9. Com quem deve a AD negociar?	26
10. Avaliação da atuação de figuras políticas	28

1. Ficha técnica

Este relatório baseia-se numa sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 27 de fevereiro e 8 de março de 2026. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa (Iscte-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos de ambos os sexos com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (7 Regiões NUTS II) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram selecionados aleatoriamente 100 pontos de amostragem, onde foram realizadas as entrevistas de acordo com as quotas acima referidas.

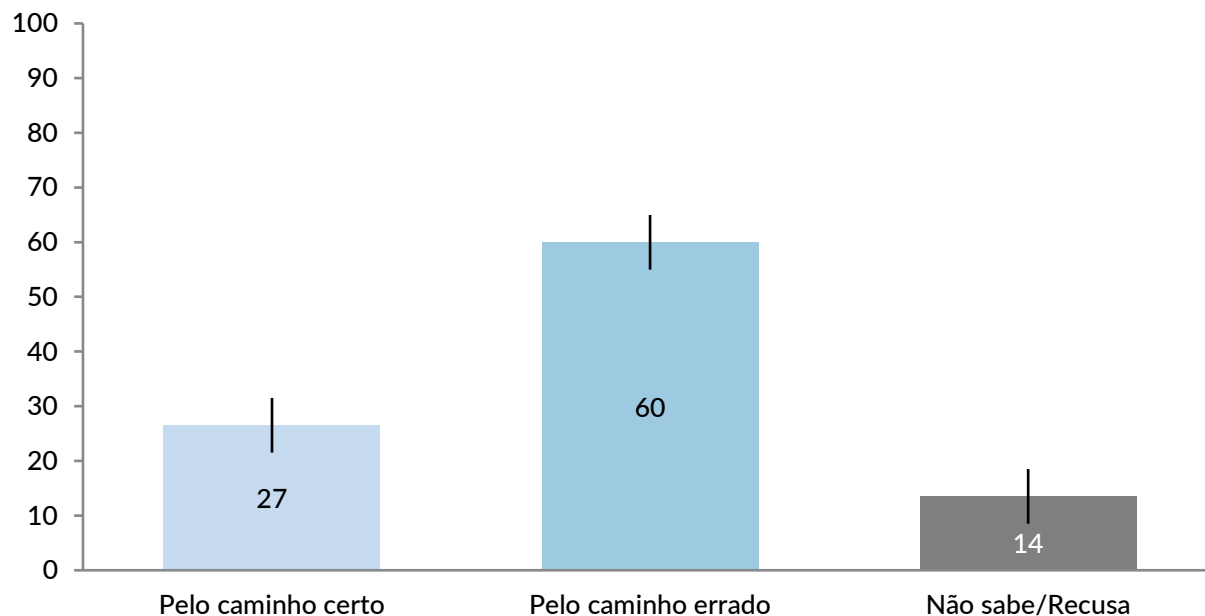
A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI, e a intenção de voto recolhida através de simulação de voto em urna. Foram contactados 2778 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 801 entrevistas válidas (taxa de resposta de 29%, taxa de cooperação de 46%). O trabalho de campo foi realizado por 39 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses com 18 ou mais anos residentes no Continente, a partir dos dados da vaga mais recente do *European Social Survey* (Ronda 11). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 801 inquiridos é de +/- 3,5%, com um nível de confiança de 95%.

Nos gráficos seguintes, todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%. Para mais informações sobre a metodologia destas sondagens, em particular sobre como interpretar as barras de erro associadas às estimativas, pós-estratificação amostral e a metodologia aplicada para lidar com “indecisos” e não-respostas em questões sobre intenção de voto, consultar o nosso [site](#).

2. Portugal tem ido pelo caminho certo ou pelo caminho errado?

"Em geral, na sua opinião, Portugal tem estado a ir pelo caminho certo ou pelo caminho errado?"

% em relação ao total da amostra.

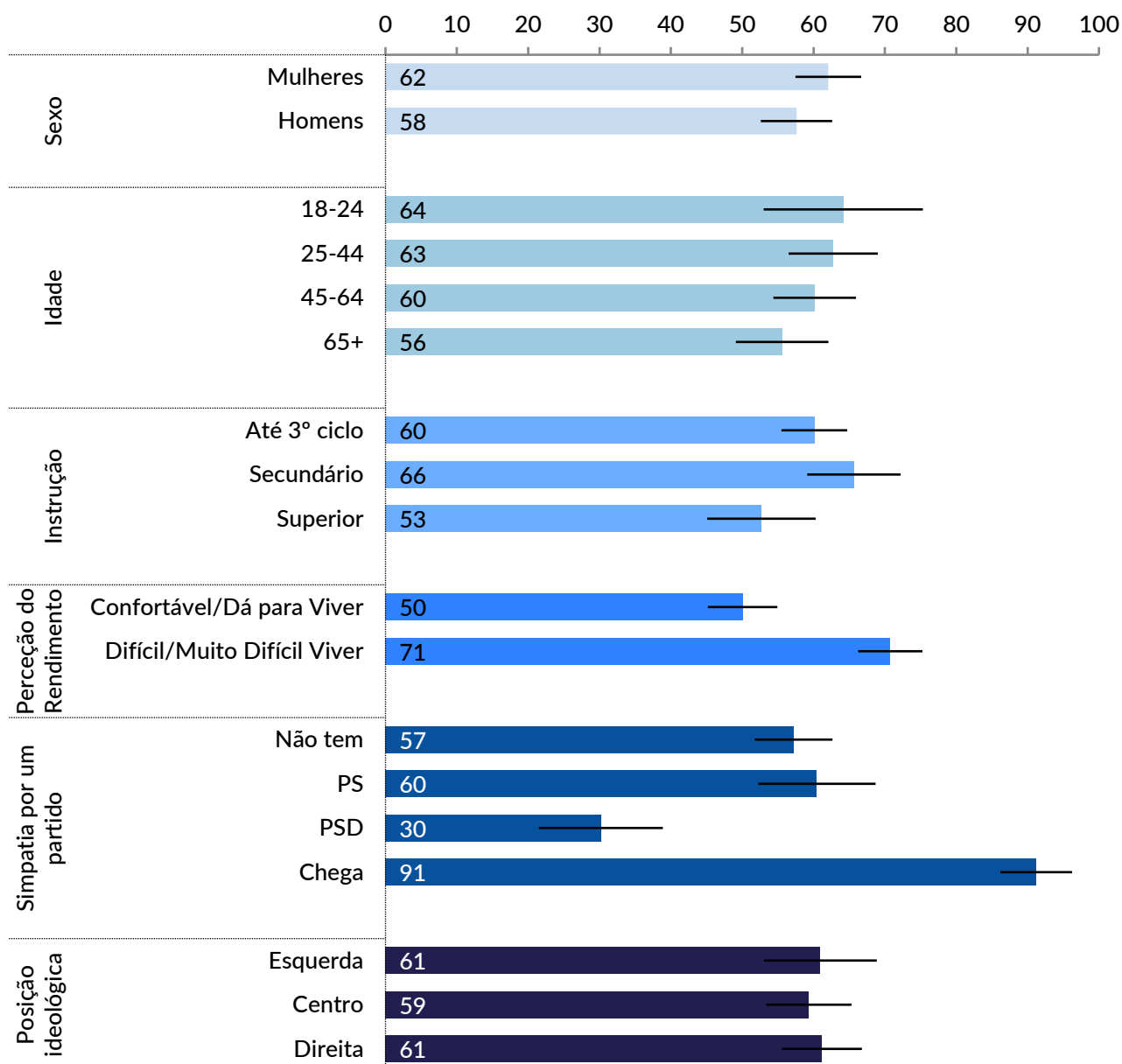


Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

Nesta sondagem, 60% dos inquiridos afirmam que, na sua opinião, Portugal tem ido pelo caminho errado, ao passo que 27% consideram que tem ido pelo caminho certo e 14% dizem não saber ou preferem não responder. No estudo de abril/maio de 2025, eram 67% os que expressavam a opinião de que Portugal estava a ir pelo caminho errado, e 22% os que faziam uma avaliação positiva do caminho percorrido pelo país.

Portugal tem estado a ir "pelo caminho errado"

% em relação ao total dos subgrupos.



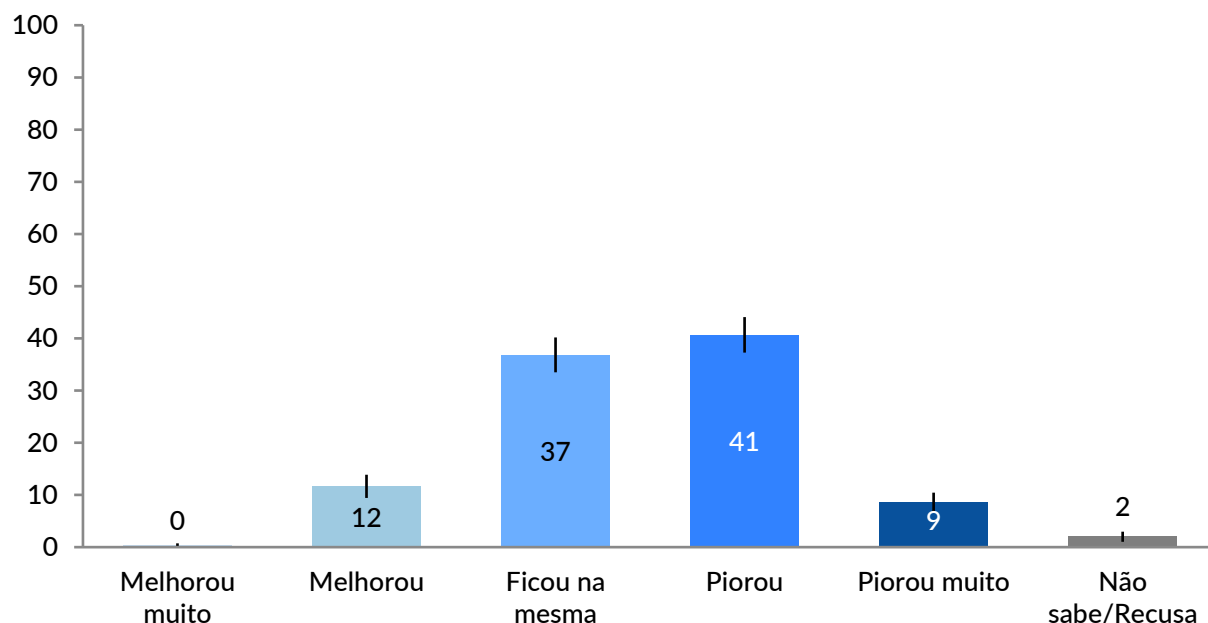
Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

A opinião de que Portugal tem ido pelo caminho errado é menos frequente junto dos inquiridos com formação universitária (53%) do que no grupo dos que completaram o ensino secundário (66%). Entre os inquiridos que dizem ser difícil ou muito difícil viver com o rendimento do seu agregado familiar, 71% acham que o país vai “pelo caminho errado”, valor que baixa para 50% entre os que dizem viver sem dificuldades. A simpatia partidária está também associada a diferenças significativas quanto a esta dimensão: enquanto 91% dos simpatizantes do Chega afirmam que Portugal tem seguido um caminho errado, apenas 30% dos simpatizantes do PSD partilham a mesma opinião. Os simpatizantes do PS e os inquiridos que não reportaram simpatias partidárias situam-se entre estes dois extremos, embora a ideia de que o caminho trilhado pelo país é errado seja maioritária em ambos os grupos (60% e 57%, respetivamente).

3. Evolução da situação económica do país

"No último ano, acha que a situação da economia melhorou muito, melhorou, ficou na mesma, piorou ou piorou muito?"

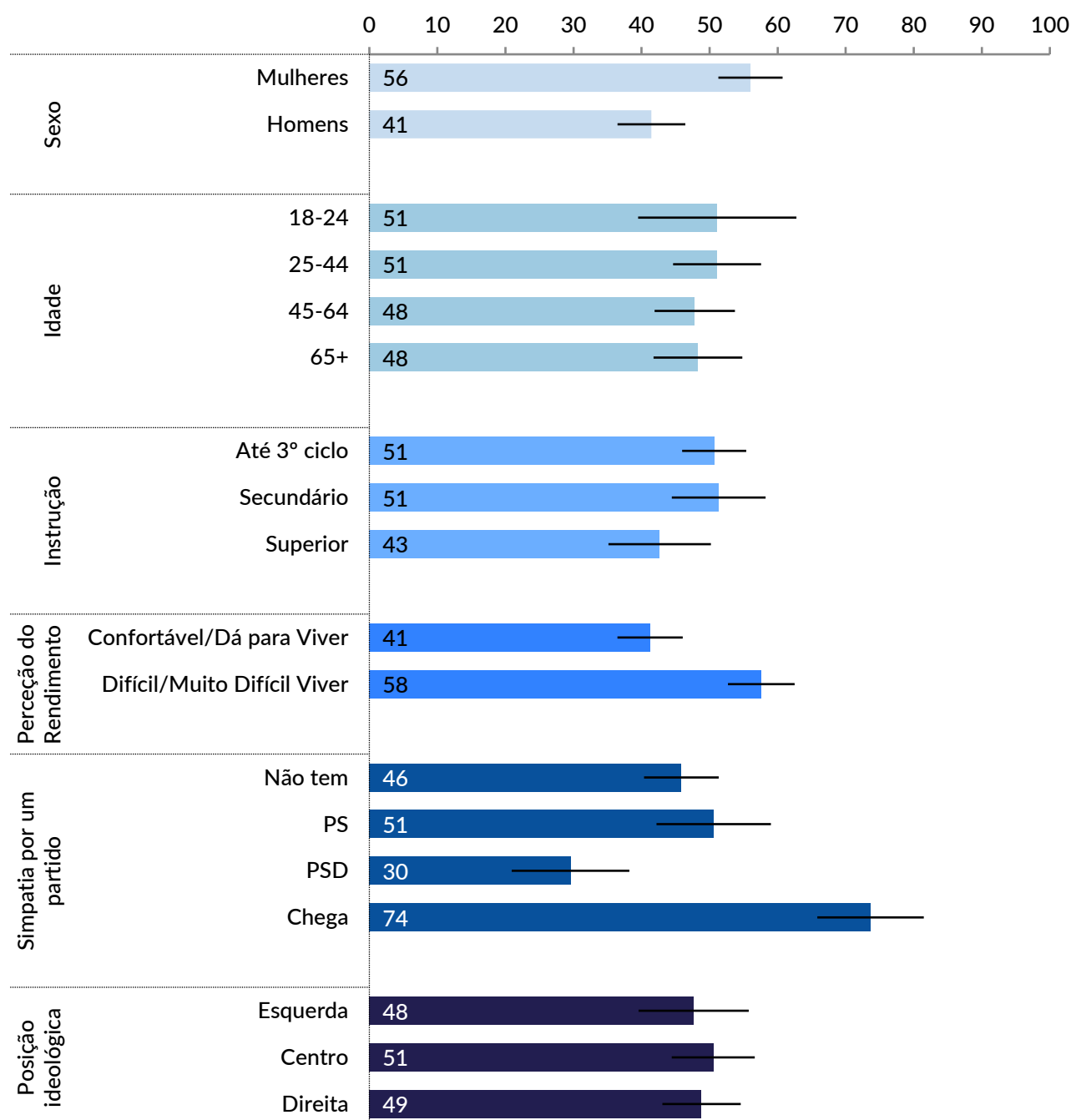
% em relação ao total da amostra.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

Metade dos inquiridos considera que a situação da economia portuguesa “piorou” (41%) ou “piorou muito” (9%) no último ano, enquanto 37% afirmam que “ficou na mesma”. Cerca de um em cada oito inquiridos (12%) disse achar que a situação da economia portuguesa “melhorou” neste período e 2% optaram por não responder ou disseram que não sabem.

No último ano, a situação da economia "piorou" ou "piorou muito"
% em relação ao total dos subgrupos.

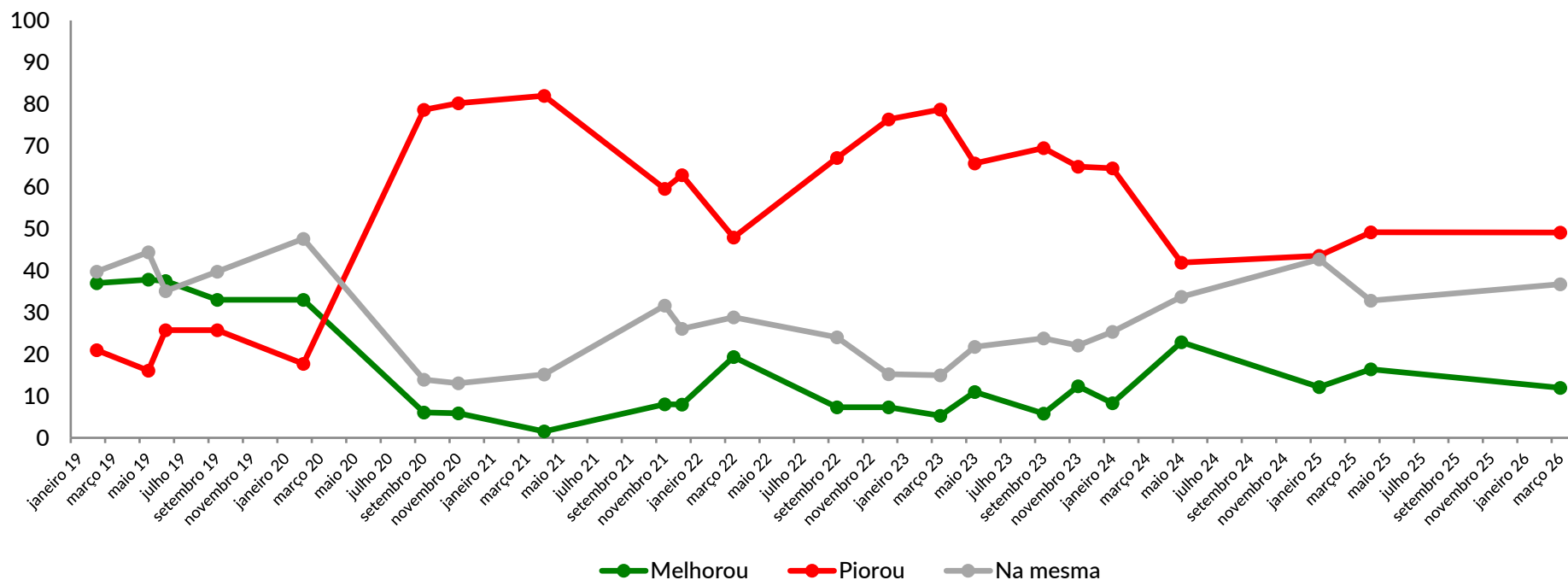


Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

A perceção de que a situação económica nacional “piorou” ou “piorou muito” ao longo do último ano é mais frequente entre as mulheres (56%) do que entre os homens (41%), sendo também mais preponderante entre quem diz ser difícil ou muito difícil viver com o rendimento do seu agregado familiar (58%) do que junto dos inquiridos que vivem com menos dificuldades (41%). A perceção de uma evolução negativa da economia é partilhada por três em cada quatro simpatizantes do Chega (74%), por cerca de metade dos simpatizantes do PS (51%) e dos inquiridos sem simpatia partidária (46%) e por menos de um terço (30%) dos simpatizantes do PSD.

Avaliação da evolução da economia em Portugal no último ano

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha.



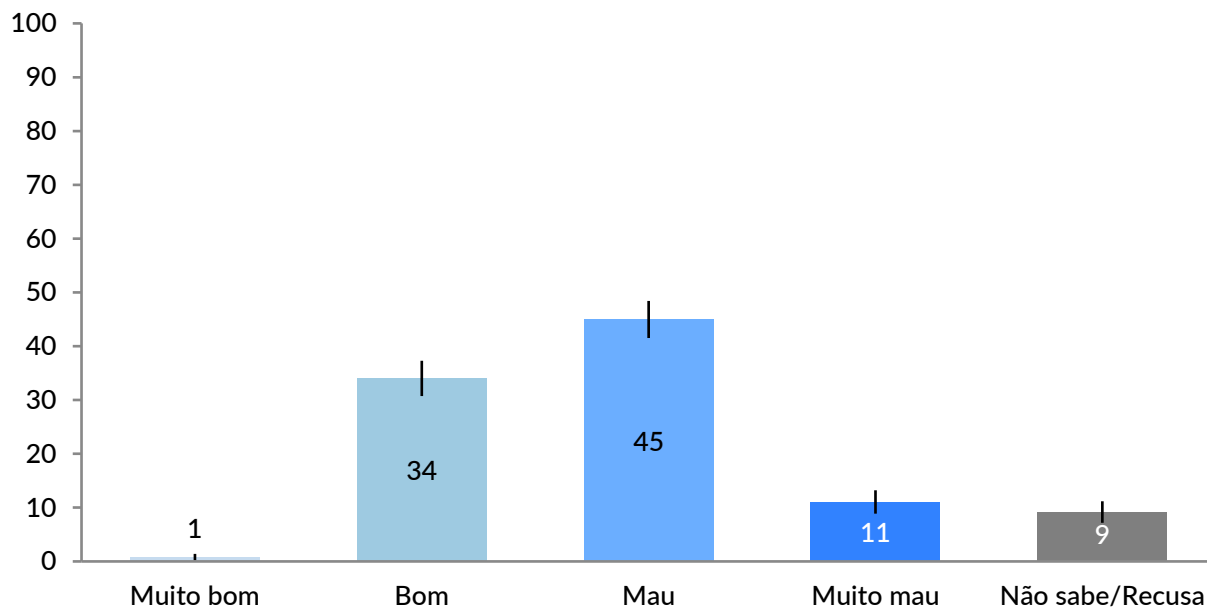
Valores são arredondamentos à unidade.

Face ao estudo de abril de 2025 – o mais recente em que esta pergunta foi feita – não existe grande variação na proporção de inquiridos que avaliam de forma negativa a evolução da situação económica do país. As variações nas proporções dos que dizem que a economia nacional “ficou na mesma” (de 33% para 37%) e dos que consideram que “melhorou” ou “melhorou muito” (de 16% para 12%) não são significativas.

4. Avaliação do desempenho do governo

"Pensando no desempenho geral do atual governo, como avaliaria esse desempenho? Diria que o governo está a fazer um trabalho..."

% em relação ao total da amostra.

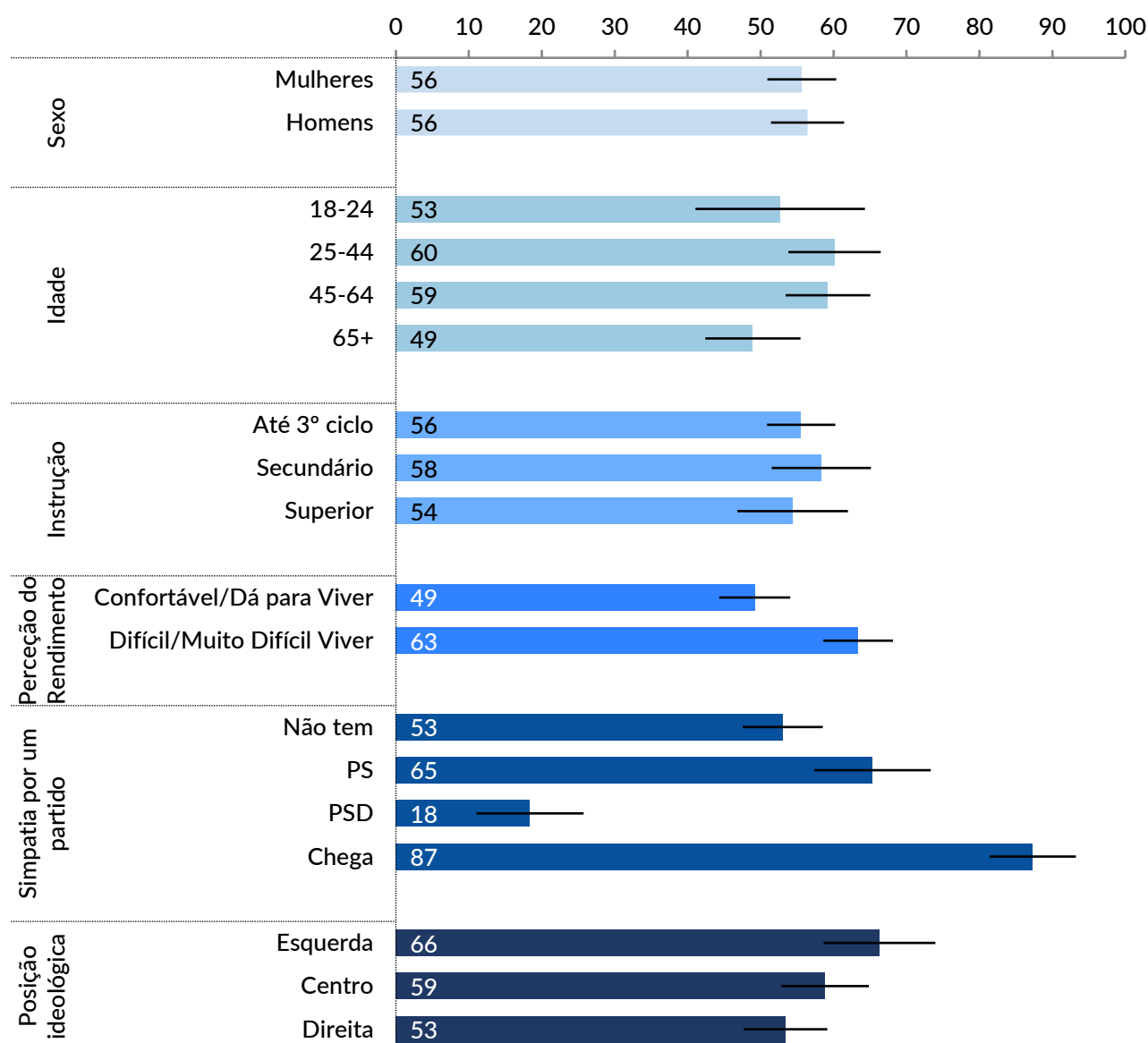


Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

Quando convidados a avaliar o desempenho do atual governo, 45% dos inquiridos dizem que o governo tem feito um trabalho “mau” e 11% “muito mau”. A proporção dos que fazem uma avaliação positiva do trabalho realizado pelo executivo cifra-se nos 35%. Quase um em cada dez inquiridos (9%) disse não saber ou optou por não responder a esta pergunta.

O governo está a fazer um trabalho "mau" ou "muito mau"

% em relação ao total dos subgrupos.

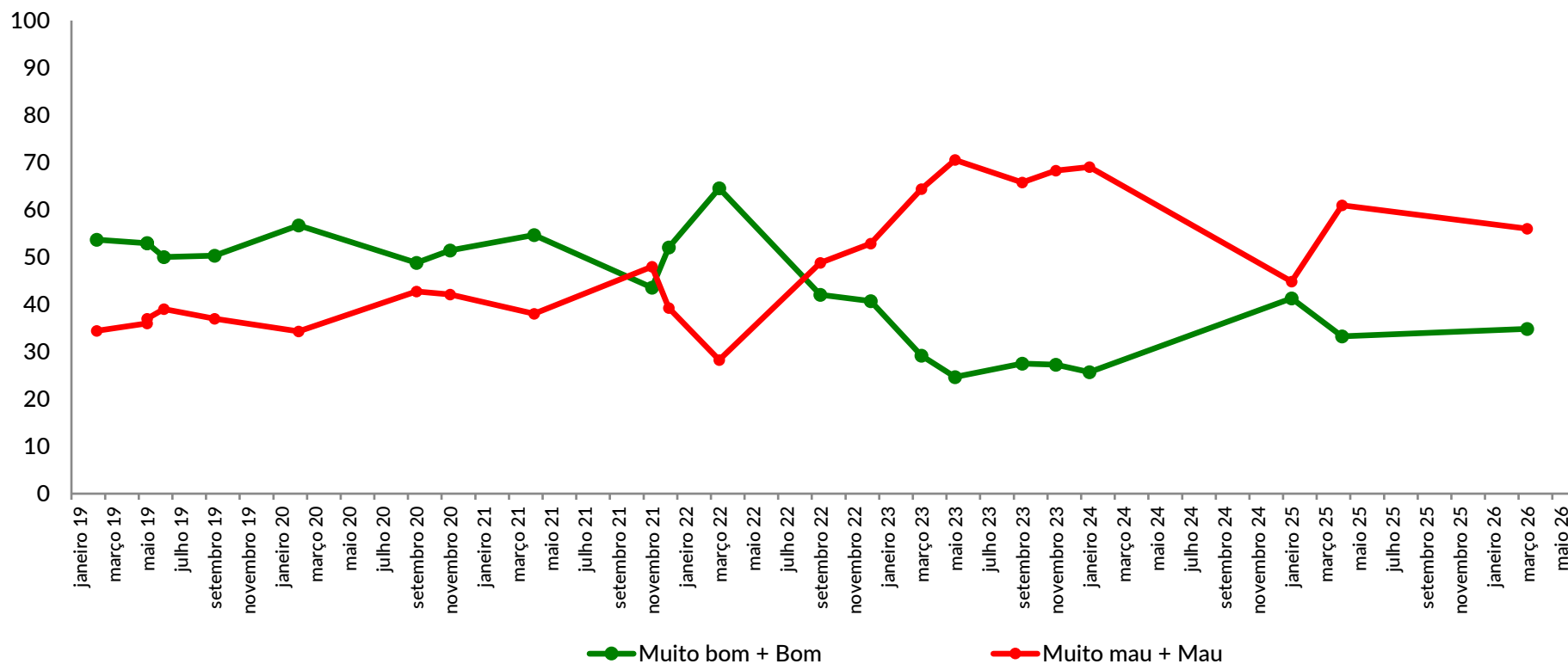


Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

Os inquiridos mais velhos, com 65 ou mais anos, têm uma menor propensão para avaliar negativamente o desempenho do governo (49%) do que os pertencentes às duas faixas etárias inferiores (60% e 59%, respetivamente). Reportar dificuldades em viver com o rendimento do agregado está, por sua vez, associado a uma maior propensão para fazer uma avaliação negativa do trabalho do governo (63% vs. 49%). Quanto à simpatia partidária, são apenas 18% os simpatizantes do PSD que dão nota negativa ao atual executivo, um valor significativamente inferior ao identificado junto dos inquiridos que não reportaram simpatias partidárias (53%). Por sua vez, a proporção dos simpatizantes do PS que avaliam negativamente o desempenho do governo (65%) é significativamente mais alta, embora inferior à encontrada entre os simpatizantes do Chega (87%). Quanto à ideologia, dois terços (66%) dos inquiridos que se posicionaram no lado esquerdo do espectro ideológico avaliam negativamente o trabalho realizado pelo executivo, sendo tal avaliação significativamente menos frequente (53%) entre que se posicionou no lado direito do espectro.

Avaliação do desempenho do atual governo

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha.

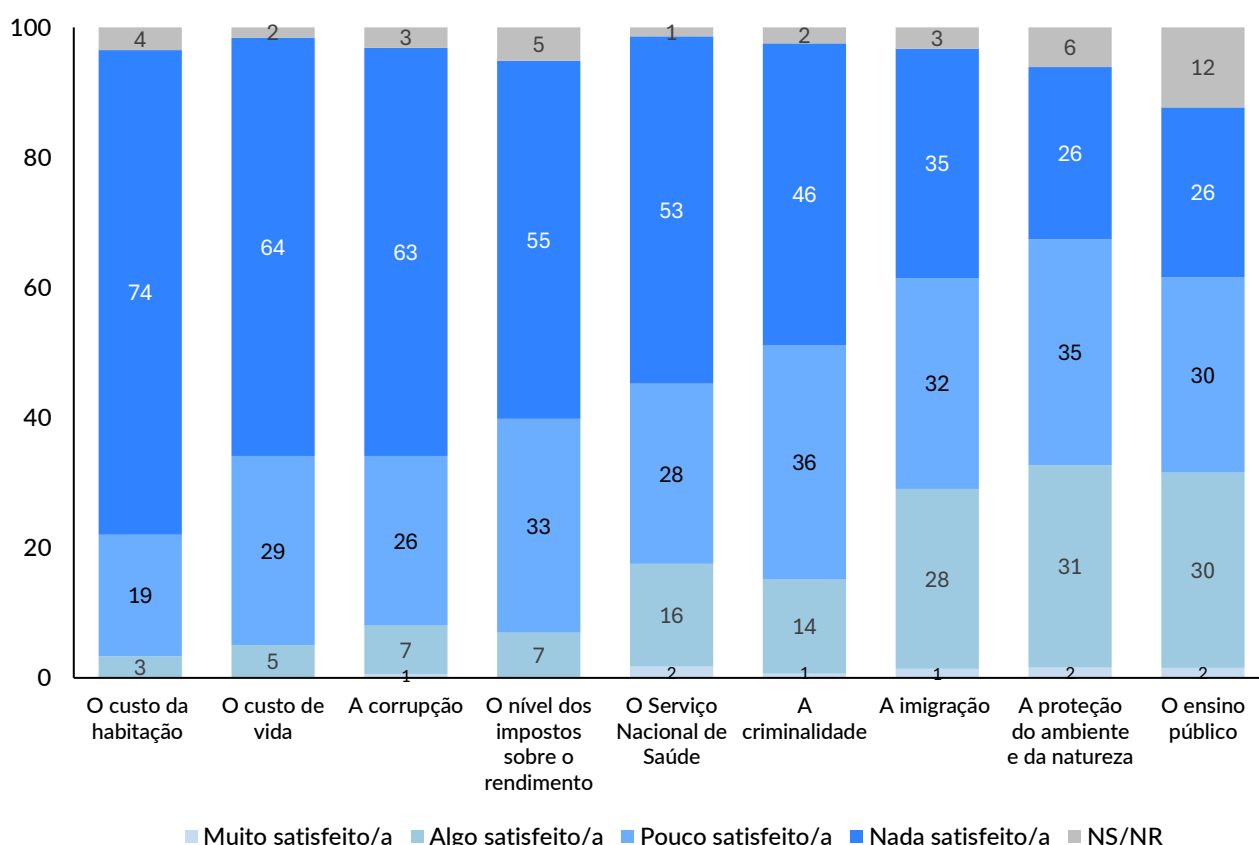


Valores são arredondamentos à unidade.

Face à sondagem de abril de 2025, há um ligeiro decréscimo (de 61% para 56%) na proporção dos inquiridos que avaliam de forma negativa o desempenho do atual governo. Este decréscimo não se traduziu num aumento proporcional na percentagem de avaliações positivas, que não apresentou variação significativa, tendo passado de 33% para 35%. Tal deve-se ao facto de, no presente estudo, haver uma maior proporção de não respostas que em abril de 2025 (9% vs. 6%).

5. Satisfação com o modo como o governo tem lidado com diferentes temas

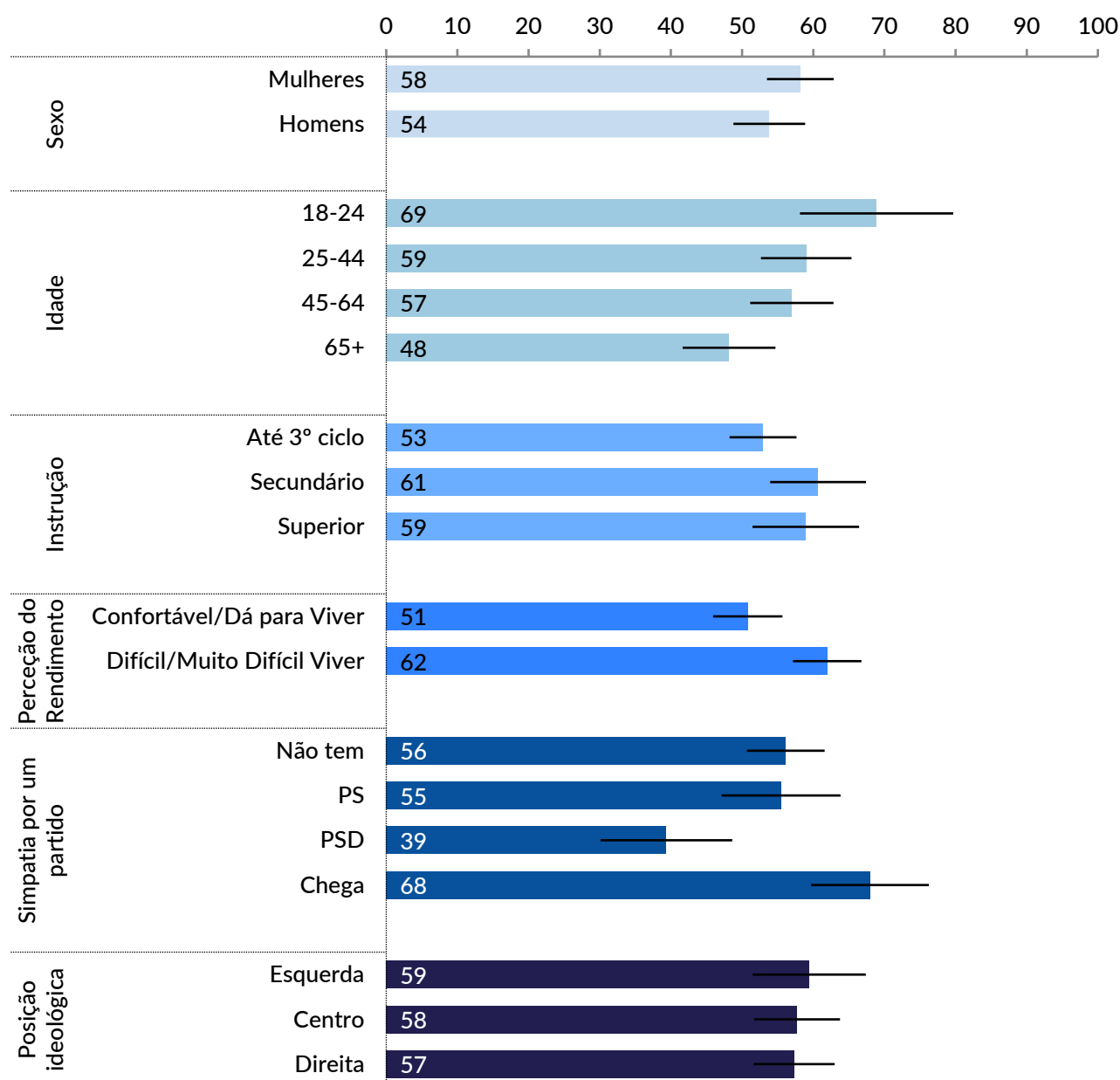
"Diria que está muito satisfeito/a, algo satisfeito/a, pouco satisfeito/a ou nada satisfeito/a com o modo como o governo tem lidado com..."
% em relação ao total da amostra.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

Os participantes nesta sondagem foram também convidados a expressar o grau de satisfação com o modo como o atual governo tem lidado com diferentes temas, ligados a várias áreas da governação. Em nenhuma das nove áreas consideradas há uma maioria de inquiridos "muito" ou "algo" satisfeitos com a atuação do governo. Há, contudo, variações dignas de nota nas proporções dos que se declararam "nada" satisfeitos. Num dos extremos, verificamos que cerca de três em cada quatro inquiridos (74%) se declararam "nada" satisfeitos com o modo como o governo tem lidado com "o custo da habitação", sendo as proporções dos que se posicionaram do mesmo modo face à ação relativa ao "custo de vida", à "corrupção", ao "nível dos impostos sobre o rendimento" e ao "Serviço Nacional de Saúde" mais baixas mais ainda maioritárias (valores entre 53% e 64%). No outro extremo, encontramos temas como a "imigração", a "proteção do ambiente e da natureza" e o "ensino público", áreas relativamente às quais os inquiridos se distribuíram de forma mais equilibrada pelas opções de resposta "nada", "pouco" ou "algo satisfeito/a". Quanto à "criminalidade", quase metade da amostra declarou-se "nada" e 15% "algo" ou "muito" satisfeita.

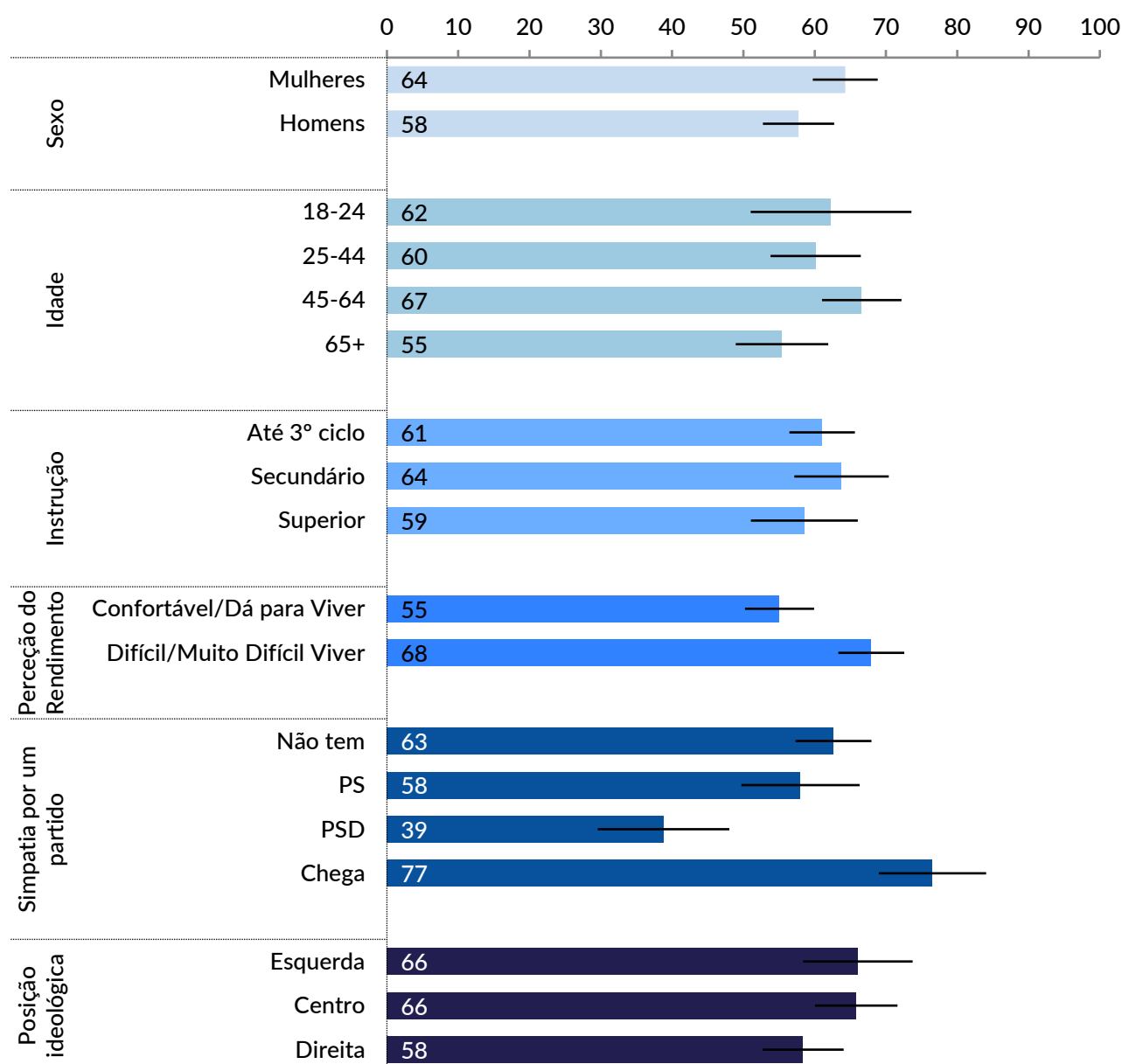
Inquiridos "pouco" ou "nada" satisfeitos com o modo como o governo tem lidado com o ensino público
 % em relação ao total dos subgrupos.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

A insatisfação com o modo como o governo tem lidado com o “ensino público” é muito mais comum entre os muito jovens, com entre 18 e 24 anos (69%) que entre os mais velhos, com 65 ou mais anos (48%). É, também, mais preponderante entre quem disse ser difícil ou muito difícil viver com o rendimento do agregado familiar (62%) do que entre os inquiridos que vivem sem dificuldades (51%). Pouco mais de metade dos simpatizantes do PS (55%) e dos inquiridos sem simpatias partidárias (56%) declararam-se “pouco” ou “nada” satisfeitos, valores significativamente mais altos que o relativo aos simpatizantes do PSD (39%), mas significativamente mais baixos que o encontrado junto dos simpatizantes do Chega (68%).

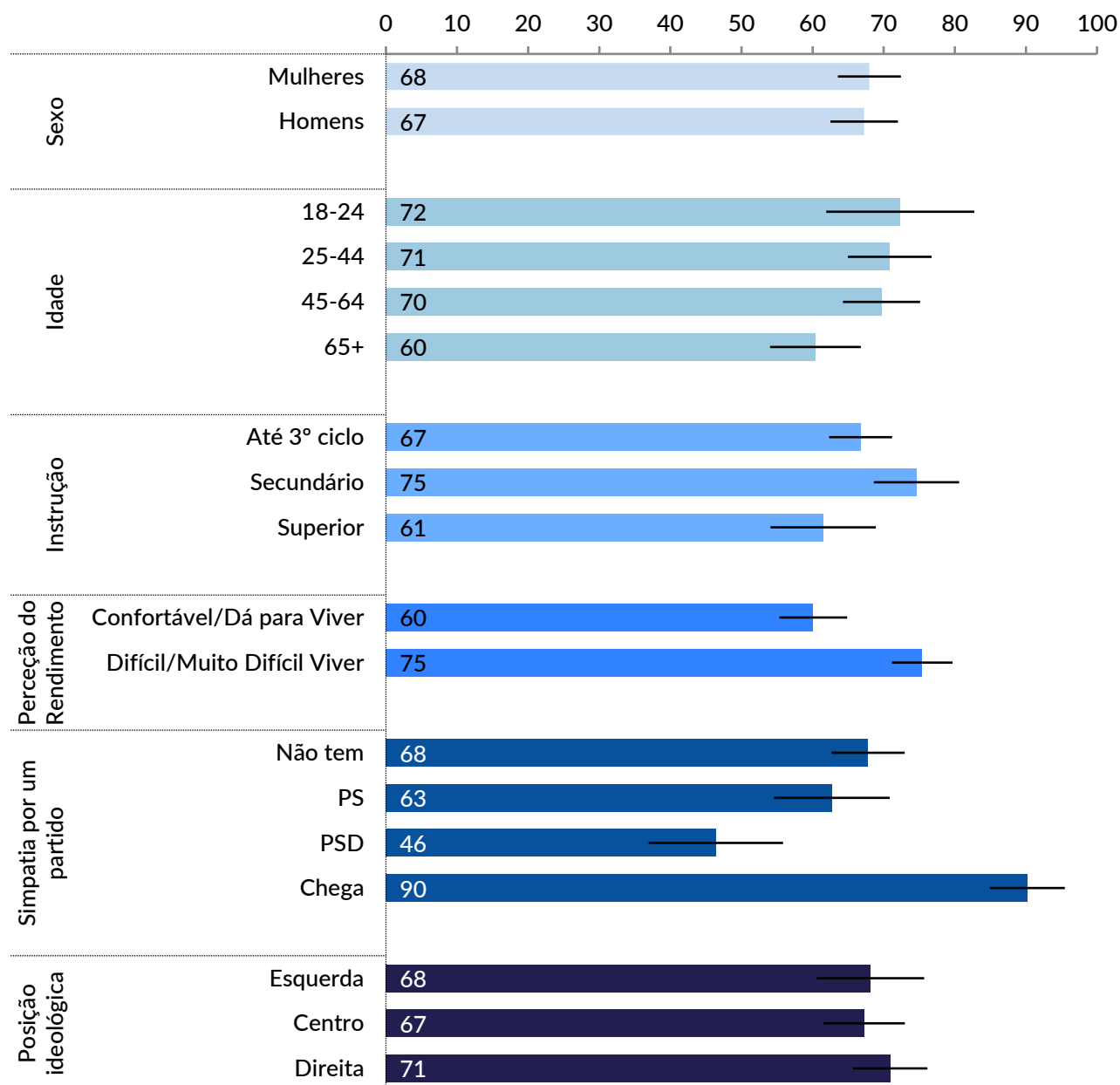
Inquiridos "pouco" ou "nada" satisfeitos com o modo como o governo tem lidado com a proteção do ambiente e da natureza
% em relação ao total dos subgrupos.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

Os grupos que agregam os inquiridos que vivem com mais dificuldades (68%) e os simpatizantes do Chega (77%) são aqueles em que se observam níveis de insatisfação comparativamente mais elevados e superiores à proporção relativa à globalidade da amostra (61%). Neste âmbito concreto da “proteção do ambiente e da natureza” destaca-se ainda o facto de os inquiridos com idades entre os 45 e os 64 anos serem mais propensos a declarar insatisfação (67%) que os mais idosos (55%). Mais uma vez, a insatisfação é minoritária entre os simpatizantes do PSD (39%).

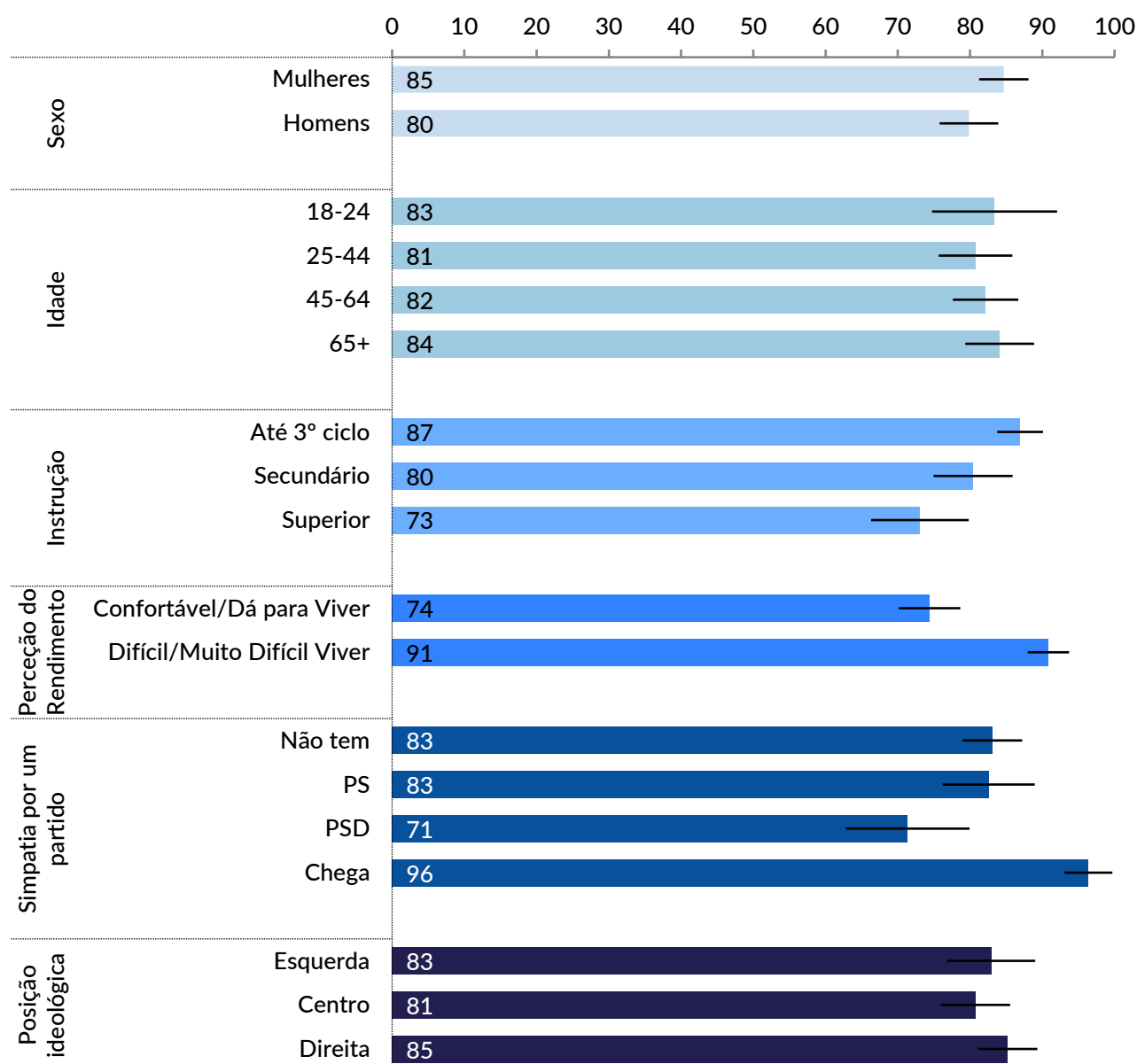
Inquiridos "pouco" ou "nada" satisfeitos com o modo como o governo tem lidado com a imigração
 % em relação ao total dos subgrupos.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

A insatisfação com o modo como o governo tem lidado com a “imigração” é tendencialmente mais baixa entre os inquiridos mais idosos (60%) que nas restantes faixas etárias (valores em torno dos 70%). Três em cada quatro inquiridos que completaram o ensino secundário (75%) ou disseram viver com dificuldades (75%) expressaram insatisfação com a atuação do executivo neste âmbito. Quase metade dos simpatizantes do PSD (46%) também se declarou insatisfeita, ainda que tal posição seja significativamente mais frequente entre os simpatizantes do PS (63%), entre quem não expressou simpatias partidárias (68%) e, sobretudo, entre os simpatizantes do Chega (90%).

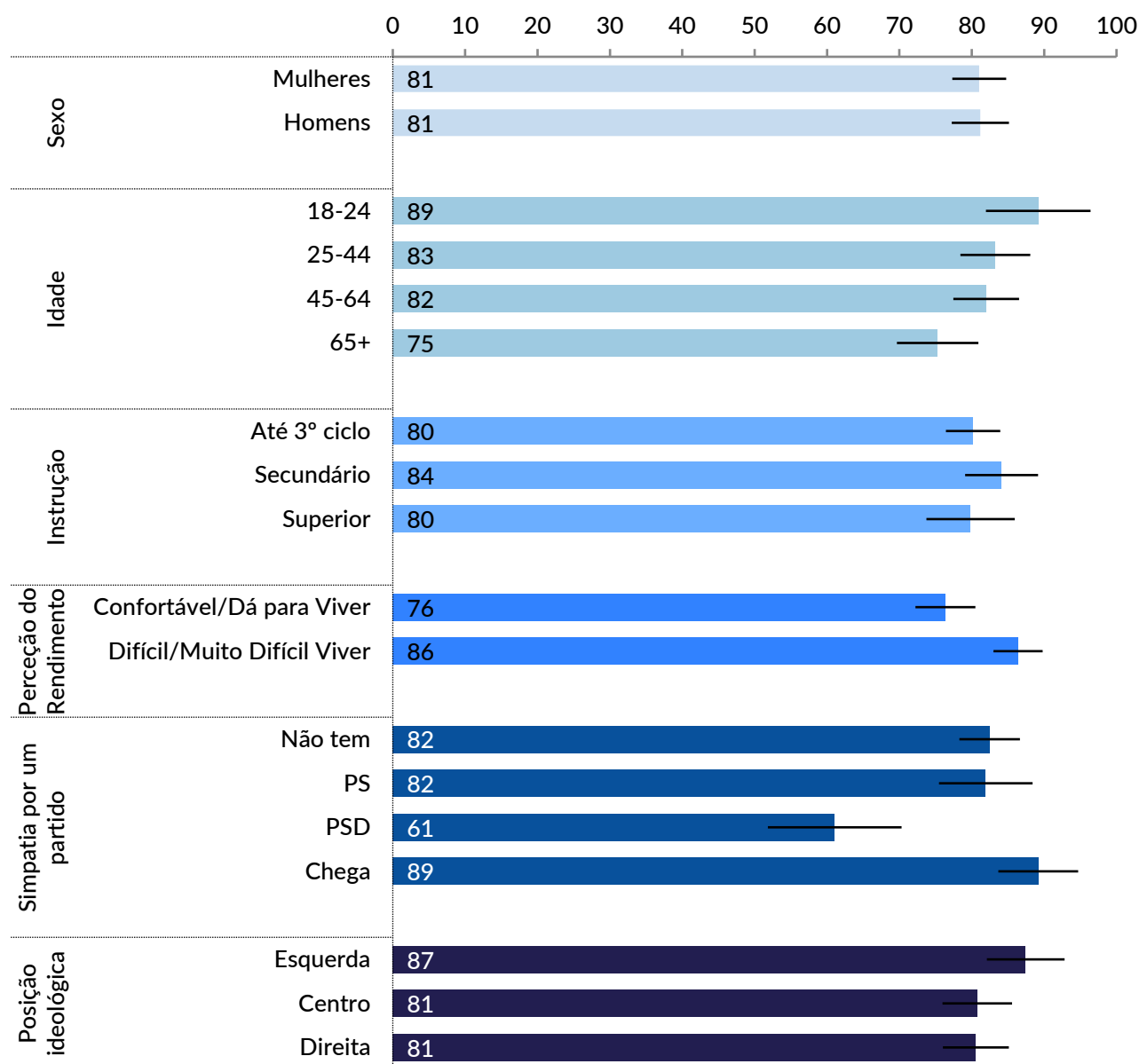
Inquiridos "pouco" ou "nada" satisfeitos com o modo como o governo tem lidado com a criminalidade
% em relação ao total dos subgrupos.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

A insatisfação com o modo como o governo tem lidado com a “criminalidade” é maioritária em todos os subgrupos analisados, havendo, contudo, variações dignas de destaque. Por um lado, tal insatisfação tende a ser comparativamente menos generalizada entre os inquiridos com formação universitária (73%) do que junto dos que apresentam os níveis de instrução mais baixos (87%). Por outro, nove em cada dez inquiridos que vivem com dificuldades (91%) declararam-se insatisfeitos com o trabalho do governo neste campo, tratando-se esta de uma posição partilhada por 74% dos que vivem melhor com o rendimento do seu agregado familiar. Por fim, quase todos os simpatizantes do Chega (96%) estão “nada” ou “pouco” satisfeitos, sendo que a insatisfação também é maioritária entre os simpatizantes do PSD (71%).

Inquiridos "pouco" ou "nada" satisfeitos com o modo como o governo tem lidado com o Serviço Nacional de Saúde
% em relação ao total dos subgrupos.



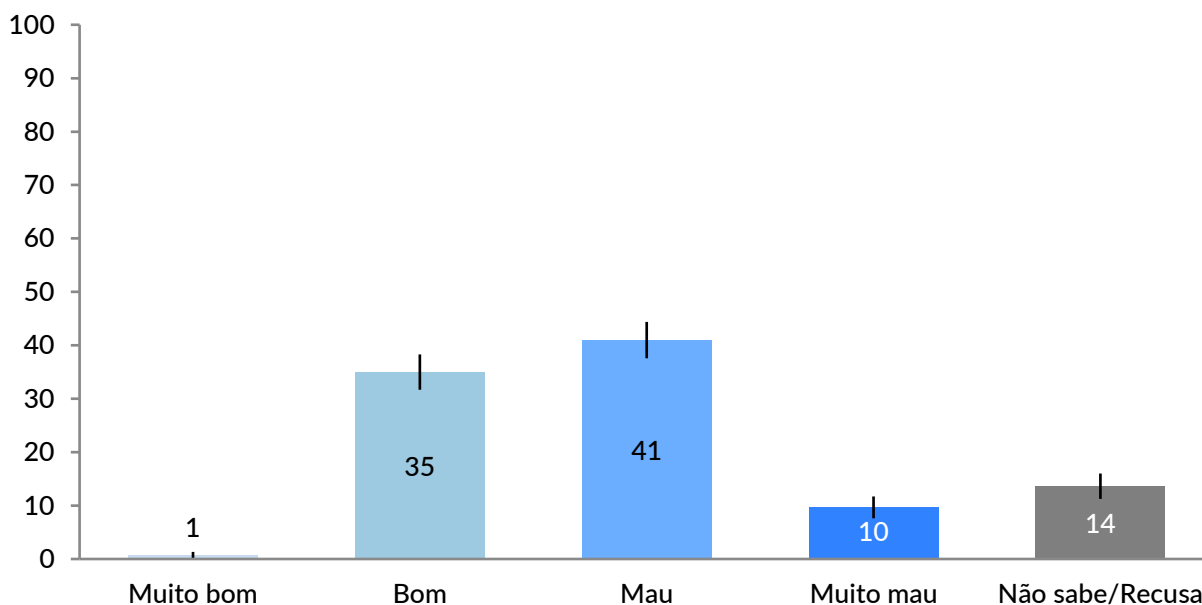
Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

A última área que seleccionámos para uma análise desagregada por grupos sociopolíticos é o “Serviço Nacional de Saúde”. Continua a observar-se um padrão em que os inquiridos que vivem melhor com o rendimento do seu agregado familiar e os mais velhos se destacam por taxas de insatisfação comparativamente mais baixas, ainda que inequivocamente maioritárias (76% e 75%, respetivamente). Neste campo, os simpatizantes do Chega (89%), os do PS (82%) e os inquiridos sem simpatia partidária (82%) não se distinguem significativamente. Quanto aos simpatizantes do PSD, seis em cada dez (61%) declararam-se “nada” ou “pouco” satisfeitos com a atuação do governo nesta área.

6. Avaliação do desempenho do governo em resposta aos efeitos das tempestades

"Como avalia o desempenho do governo na resposta aos efeitos destas tempestades?"

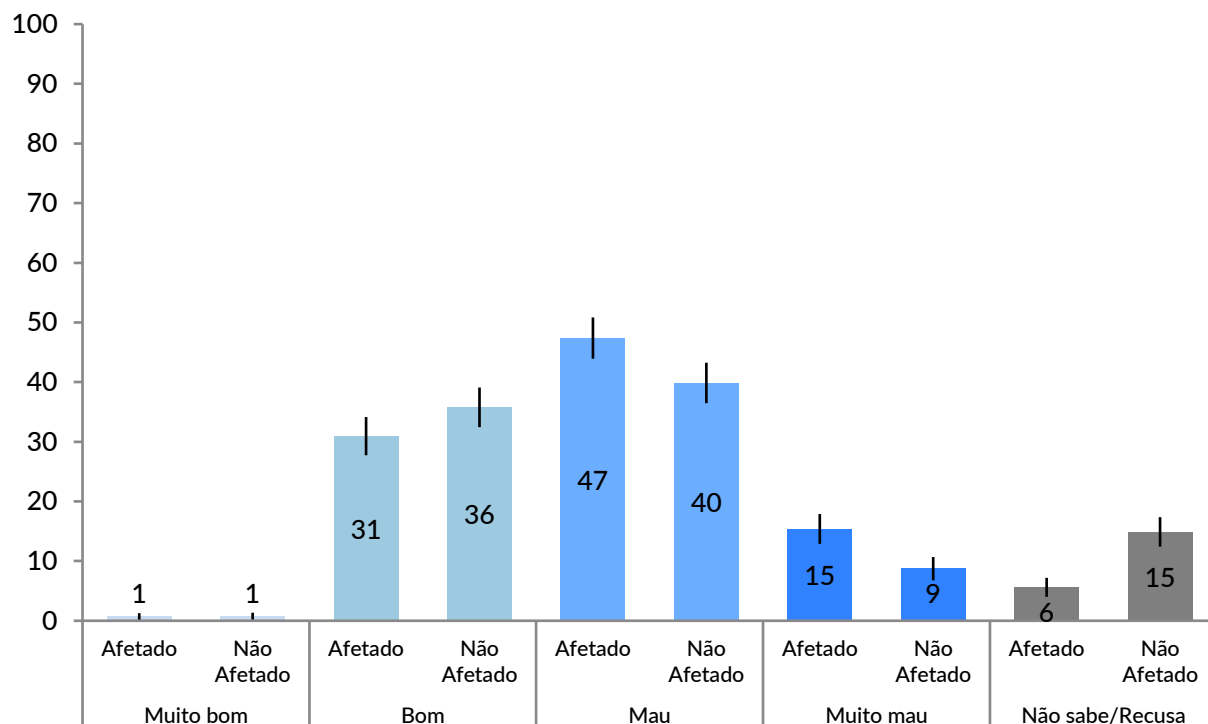
% em relação ao total da amostra.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

Neste estudo, 41% dos inquiridos consideram que o desempenho do governo em resposta aos efeitos das tempestades que assolaram o país nas semanas anteriores ao trabalho de campo foi “mau”, e 10% dizem mesmo que foi “muito mau”. Pelo contrário, 35% acreditam que o governo teve um “bom” desempenho e 1% classifica-o como “muito bom”. A taxa de não respostas é de 14%.

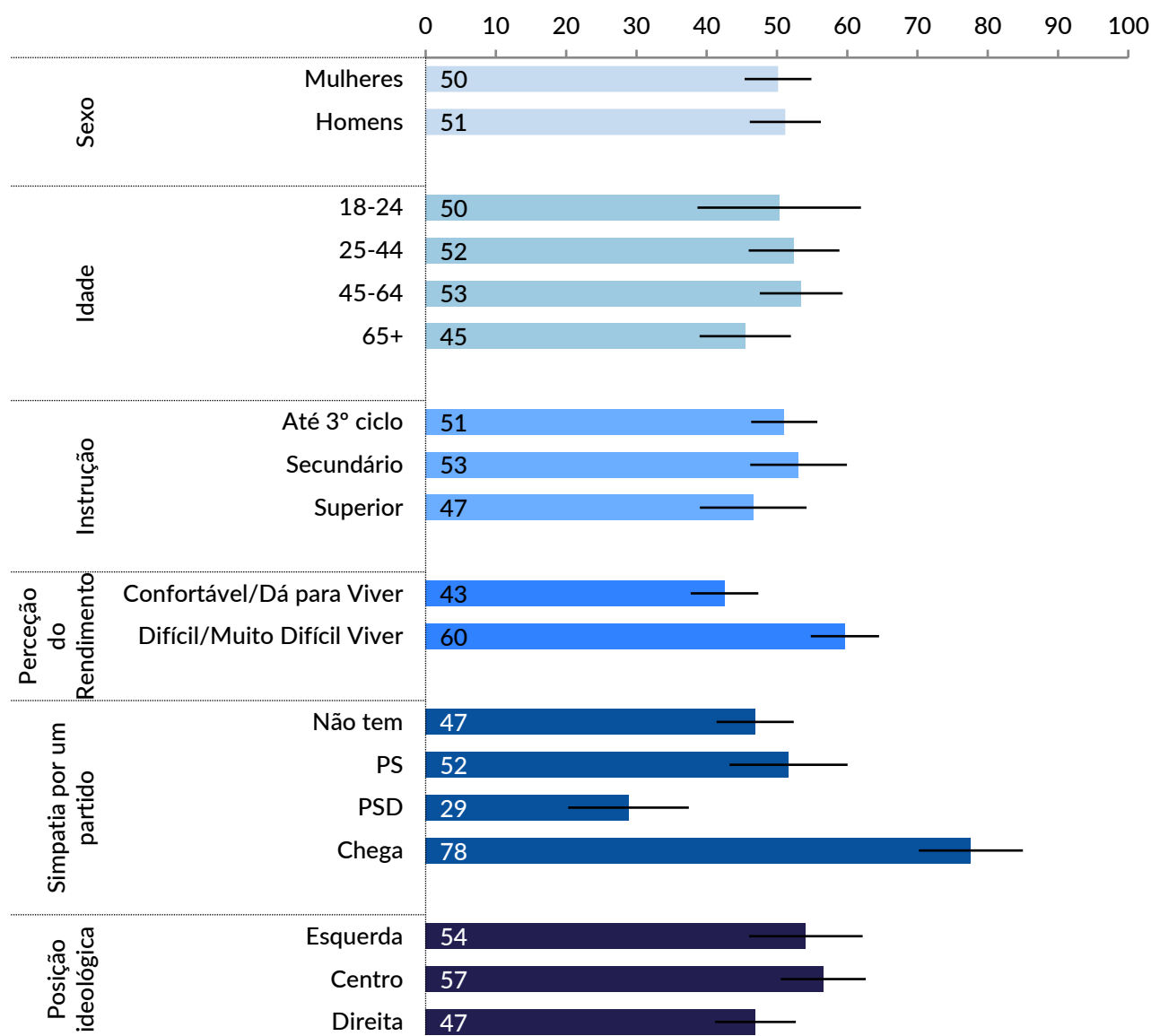
Avaliação do desempenho do governo na resposta aos efeitos da tempestades (contraste entre inquiridos diretamente afetados e não diretamente afetados pelas tempestades)
 % em relação ao total dos subgrupos.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

O inquérito utilizado neste estudo continha uma pergunta destinada a identificar os inquiridos que tinham sido diretamente afetados ou conheciam alguém que tivesse sido diretamente afetado pelas tempestades. Nesse grupo, 62% avaliam negativamente o desempenho do governo: 47% acham que o desempenho foi “mau” e 15% dizem mesmo que foi “muito mau”. Entre os inquiridos que não foram nem conhecem ninguém que tenha sido diretamente afetado pelas tempestades, apenas 49% exprimiram uma avaliação negativa. Esta diferença entre os subgrupos está associada a uma proporção de avaliações positivas ligeiramente mais alta neste último subgrupo (37% vs. 32%), mas sobretudo a uma maior taxa de não respostas (15% vs. 6%).

O desempenho do governo na resposta aos efeitos das tempestades foi "mau" ou "muito mau"
% em relação ao total dos subgrupos.



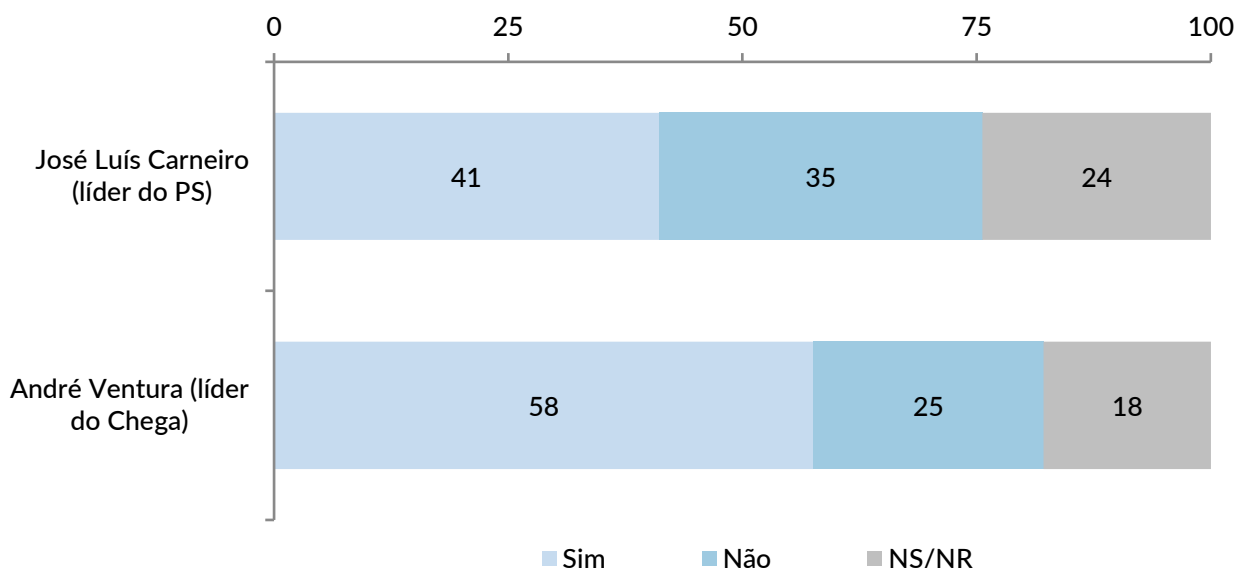
Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

A perceção de conforto com o rendimento do agregado familiar, a posição ideológica e a simpatia partidária estão ligadas a diferentes propensões para avaliar negativamente o desempenho do governo neste âmbito. Quanto à primeira dimensão, a diferença entre as proporções de avaliações negativas por parte de quem vive melhor (43%) e pior (60%) com o rendimento do seu agregado familiar é estatisticamente significativa. Relativamente à ideologia, quem se posicionou ao centro do espectro avaliou o trabalho do governo neste campo de modo negativo mais frequentemente (57%) do que os inquiridos que declararam ser de direita (47%). Finalmente, no que diz respeito à simpatia partidária, os simpatizantes do Chega são os mais propensos a exprimir opiniões negativas (78%), seguindo-se os simpatizantes do PS (52%) e os inquiridos sem simpatias partidárias (47%). Já entre os simpatizantes do PSD, a taxa de avaliações negativas é significativamente mais baixa, e minoritária (29%).

7. Houve aproveitamento político dos efeitos das tempestades por José Luís Carneiro e André Ventura?

"Acha que tem havido aproveitamento político dos efeitos das tempestades por parte de..."

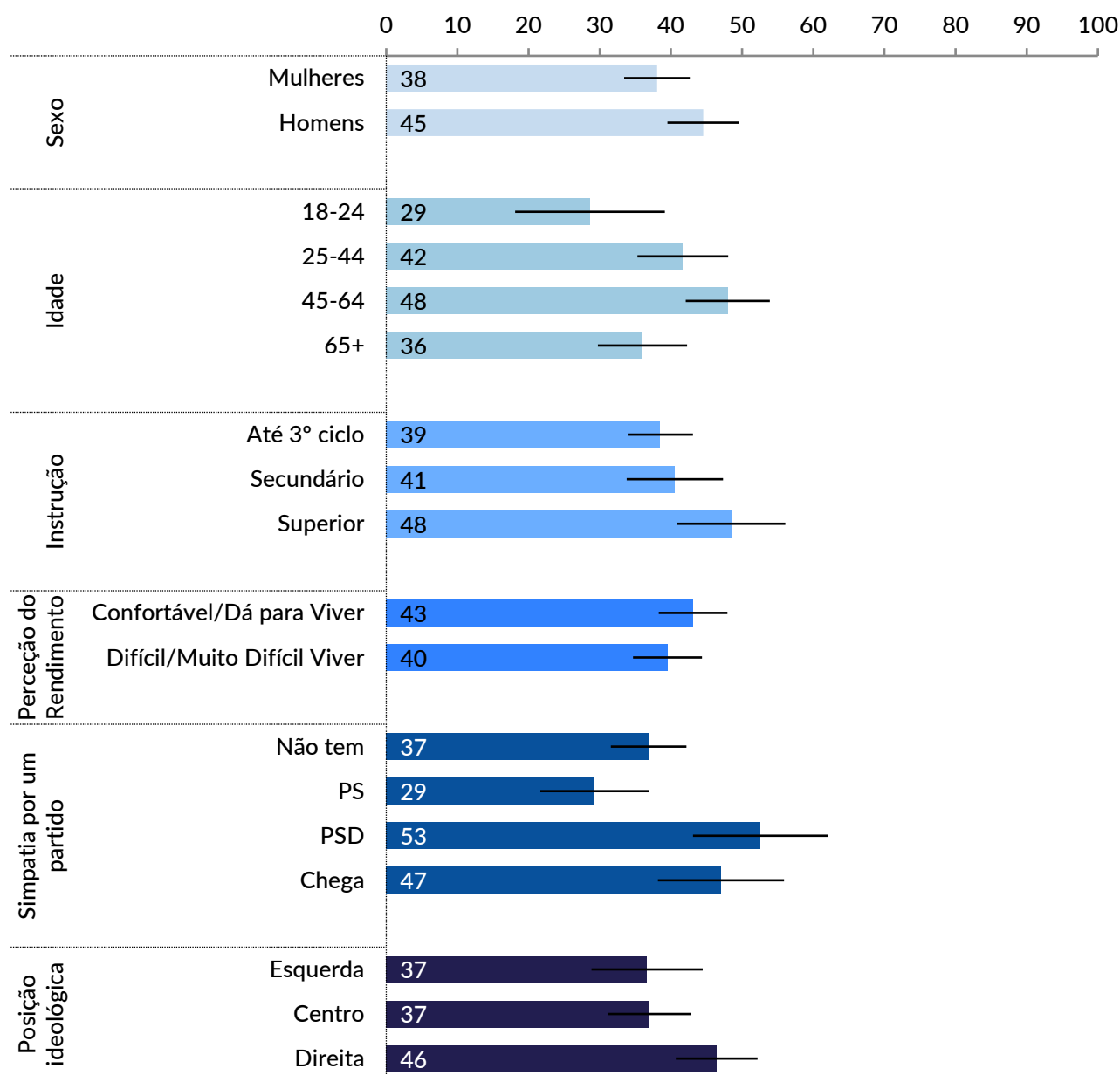
% em relação ao total da amostra.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

Nesta sondagem, 41% dos inquiridos consideram que tem havido aproveitamento político dos efeitos das tempestades por parte do líder do PS, José Luís Carneiro, sendo a proporção dos que têm a opinião oposta apenas ligeiramente mais baixa (35%). Quanto ao líder do Chega, André Ventura, 58% dos inquiridos disseram que tem havido aproveitamento político da sua parte, e apenas um em cada quatro (25%) rejeitou tal ideia. A taxa de não respostas é mais alta no caso do líder do PS (24%) do que no caso de Ventura (18%).

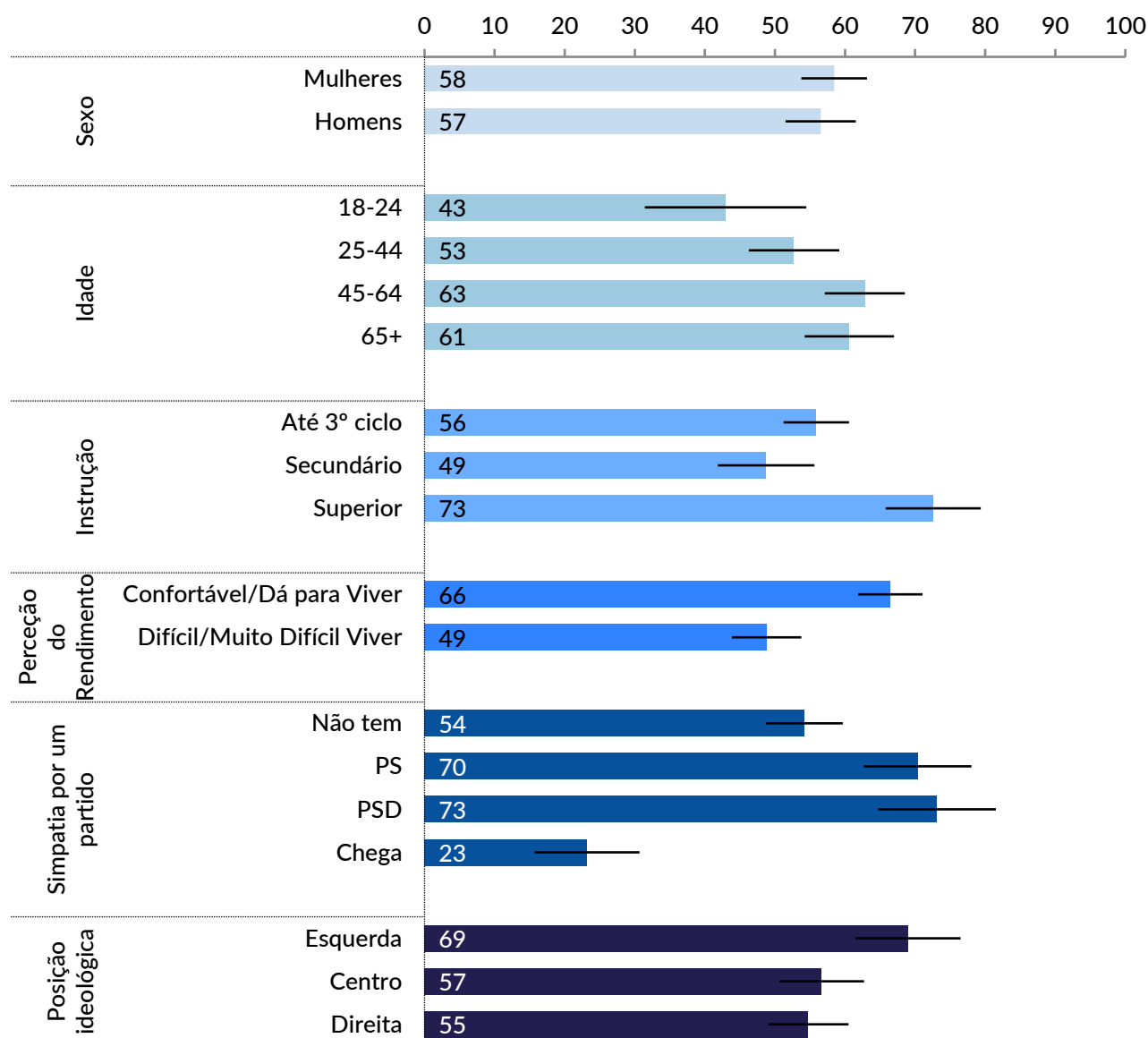
Inquiridos que consideram que tem havido aproveitamento político dos efeitos das tempestades por parte de José Luís Carneiro
 % em relação ao total dos subgrupos.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

Há, face ao valor encontrado na globalidade da amostra, uma mais frequente concordância com a ideia de José Luís Carneiro se ter aproveitado politicamente dos efeitos das tempestades junto dos inquiridos que declararam ser de direita (46%), dos simpatizantes do Chega (47%), dos inquiridos com entre 45 e 64 anos (48%), dos que possuem diplomas universitários (também 48%) e dos simpatizantes do PSD (53%). De destacar que 29% dos simpatizantes do PS consideraram ter havido aproveitamento político dos efeitos das tempestades por parte do líder deste partido.

Inquiridos que consideram que tem havido aproveitamento político dos efeitos das tempestades por parte de André Ventura
% em relação ao total dos subgrupos.



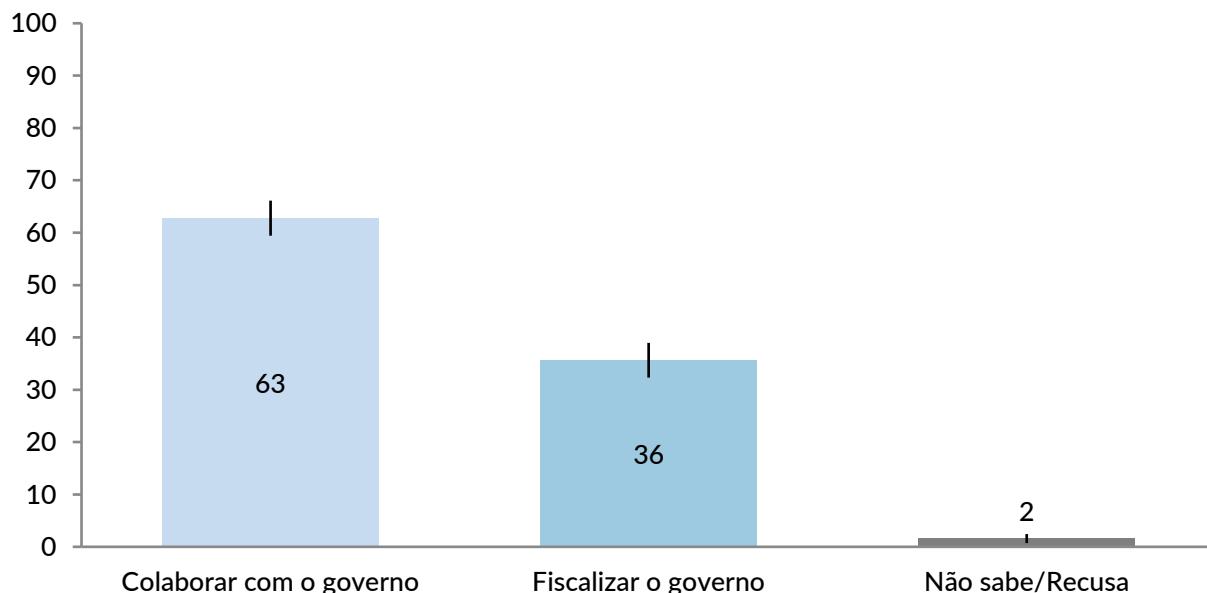
Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

Por seu lado, a opinião de que André Ventura se tem aproveitado politicamente dos efeitos das tempestades é particularmente expressiva junto dos inquiridos que vivem sem dificuldades (66%), dos que declararam ser de esquerda (69%), dos simpatizantes do PS e do PSD (70% e 73%, respetivamente) e dos que têm formação universitária (73%). Neste âmbito, os muito jovens, com entre 18 e 24 anos, distinguem-se significativamente das duas faixas etárias mais velhas (43% vs. 63% e 61%). Por fim, 23% dos simpatizantes do Chega consideram que o líder deste partido tem tentado tirar proveito político dos efeitos das tempestades.

8. A oposição deve colaborar ou fiscalizar o governo durante a recuperação das zonas afetadas pelas tempestades?

"Na sua opinião, durante a recuperação das zonas afetadas pelas tempestades, os partidos da oposição deveriam sobretudo...?"

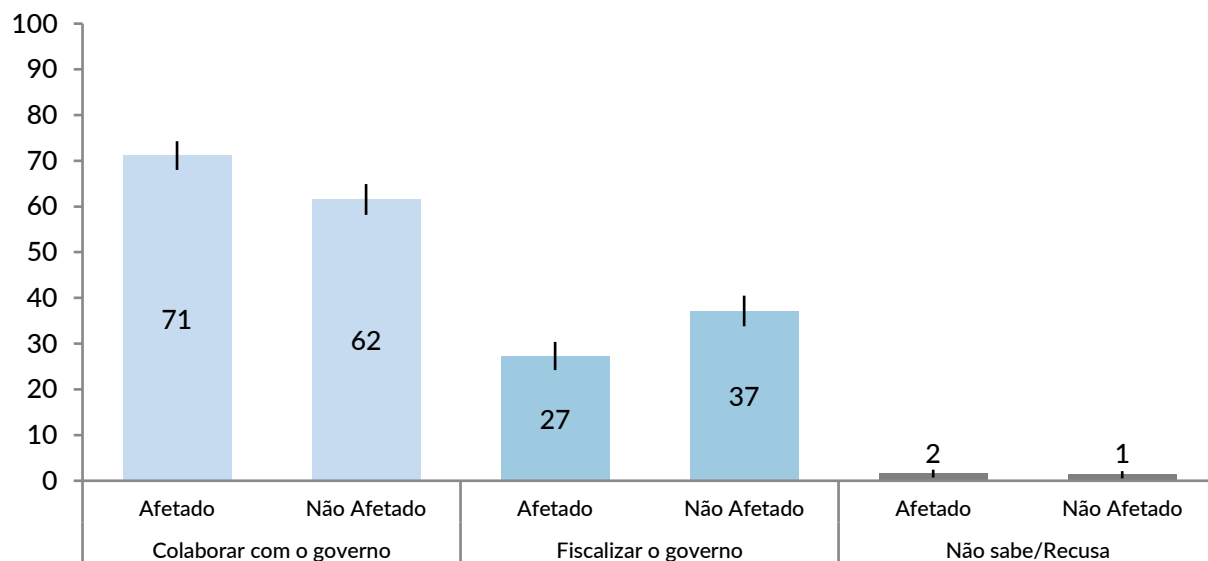
% em relação ao total da amostra.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

Nesta sondagem, 63% dos inquiridos consideram que, durante a recuperação das zonas afetadas pelas tempestades, os partidos da oposição deviam sobretudo “colaborar com o governo”, ao passo que 36% defendem que deviam sobretudo “fiscalizar” o executivo e 2% disseram não saber ou recusaram responder.

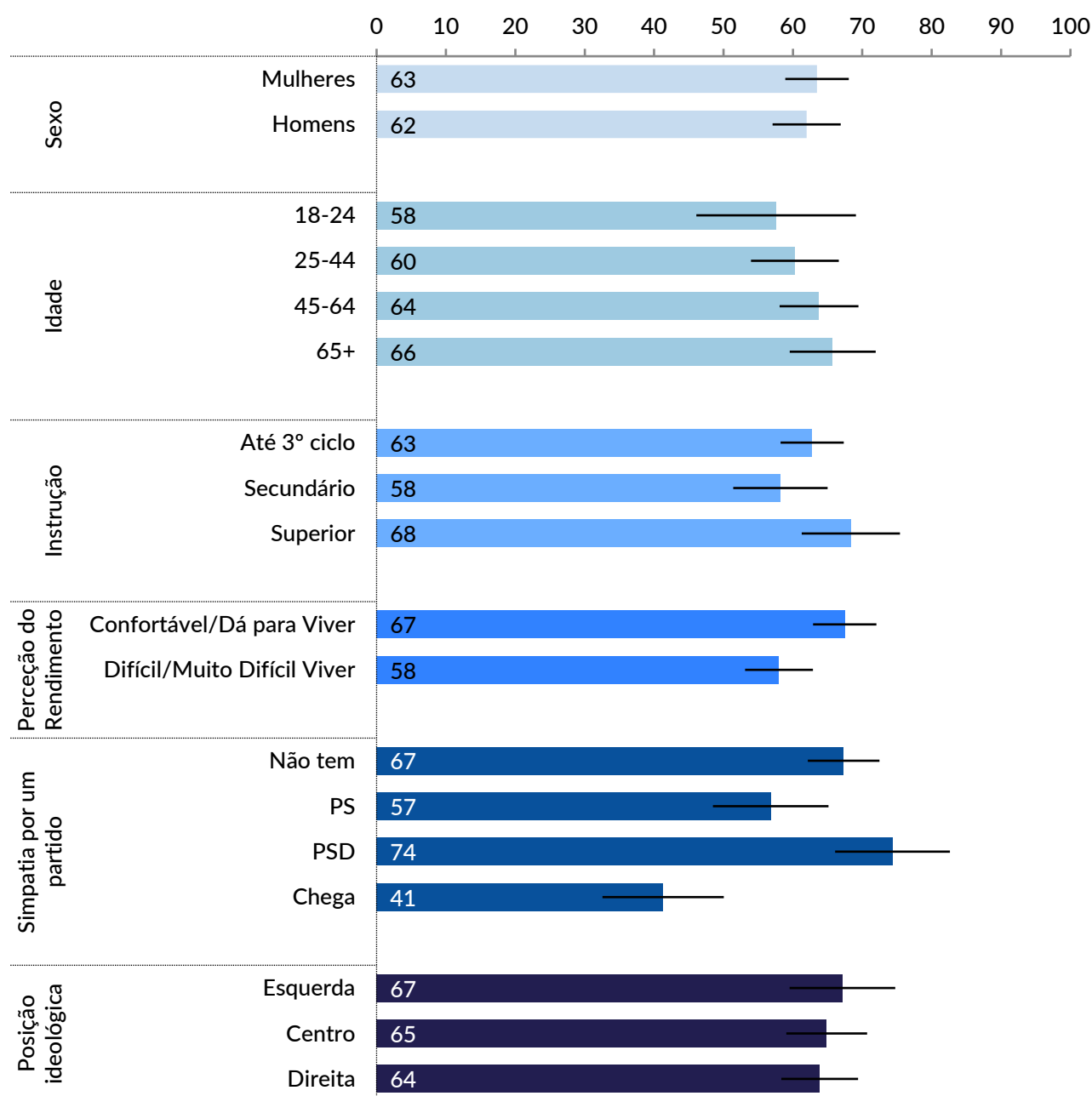
Durante a recuperação das zonas afetadas pelas tempestades, os partidos da oposição deveriam sobretudo... (contraste entre inquiridos diretamente afetados e não diretamente afetados pelas tempestades)
% em relação ao total dos subgrupos.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

Os inquiridos que foram diretamente afetados ou conhecem alguém que foi diretamente afetado pelas tempestades têm uma menor propensão para afirmar que, durante o período de recuperação das zonas que foram afetadas, os partidos da oposição deviam sobretudo fiscalizar o governo (27%) do que aqueles que não reportaram uma experiência direta com a calamidade (37%).

Durante a recuperação das zonas afetadas pelas tempestades, os partidos da oposição deveriam sobretudo "colaborar com o governo"
% em relação ao total dos subgrupos.



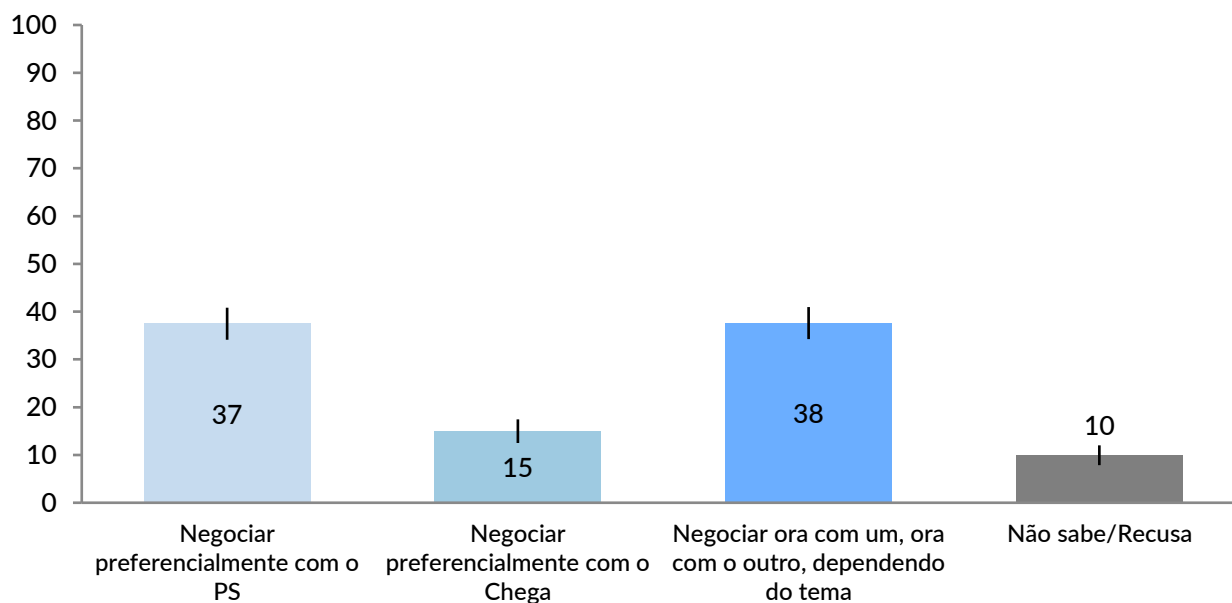
Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

As opiniões relativas ao que devem os partidos da oposição fazer variam sobretudo em linha com as simpatias partidárias reportadas. Se, por um lado, cerca de três em cada quatro simpatizantes do PSD (74%) afirmam que devem sobretudo colaborar, por outro, esta é uma posição minoritária entre os simpatizantes do Chega (41%). Entre os simpatizantes do PS e os inquiridos sem simpatias partidárias, observam-se também maiorias a exprimir esta opinião (57% e 67%, respetivamente).

9. Com quem deve a AD negociar?

"No atual contexto político, considera que a AD deve..."

% em relação ao total da amostra.

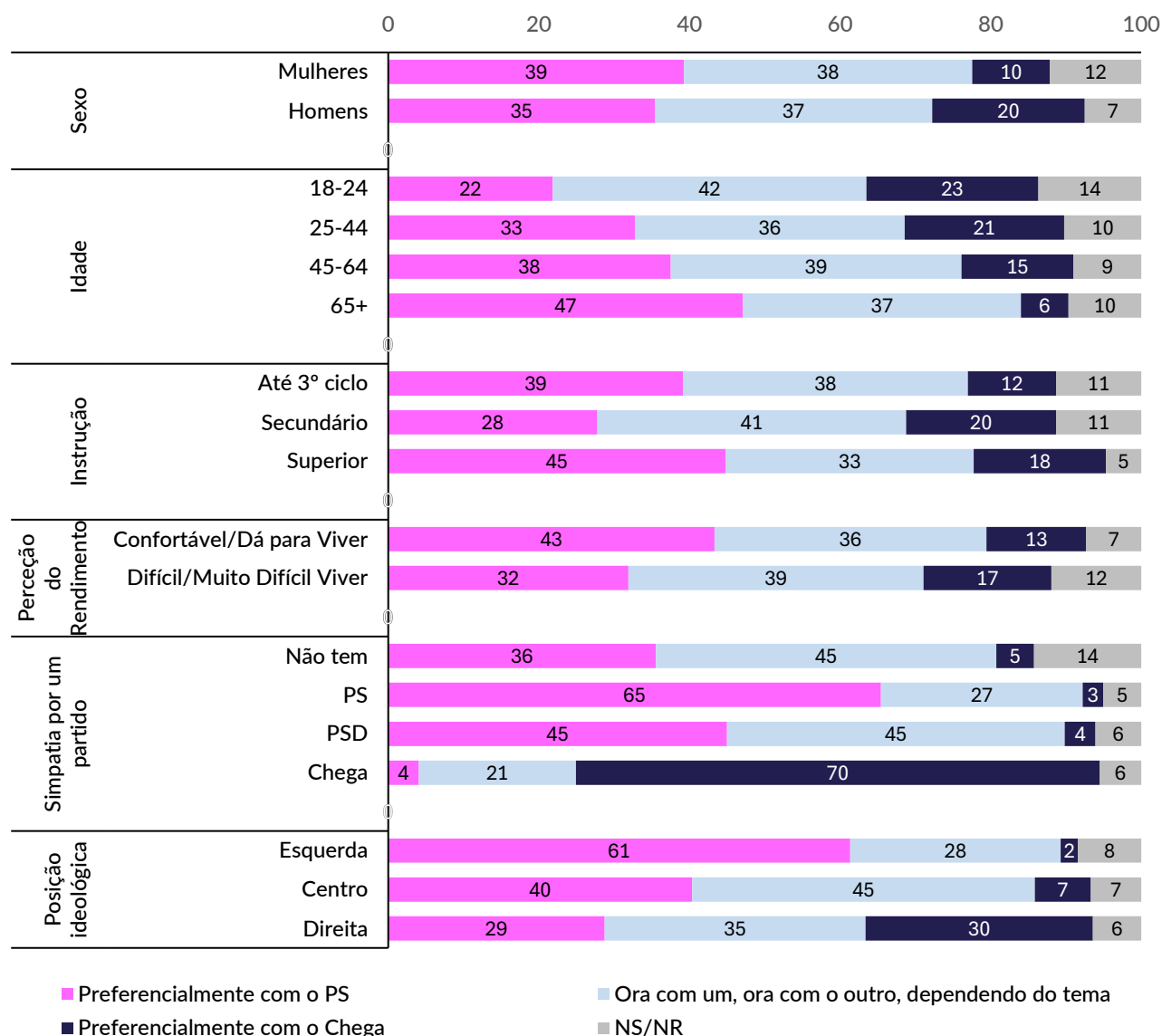


Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

Neste estudo, 15% dos inquiridos consideraram que, no atual contexto político, a AD deve negociar preferencialmente com o Chega e 10% disseram não saber ou recusaram responder a esta pergunta. Quanto aos restantes, dividem-se de forma muito equilibrada entre quem considera que a AD deve negociar preferencialmente com o PS (37%) e quem acredita que deve negociar ora com um, ora com o outro partido, dependendo do tema (38%).

No atual contexto político, a AD deve negociar..."

% em relação ao total dos subgrupos.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026. Valores são arredondamentos à unidade.

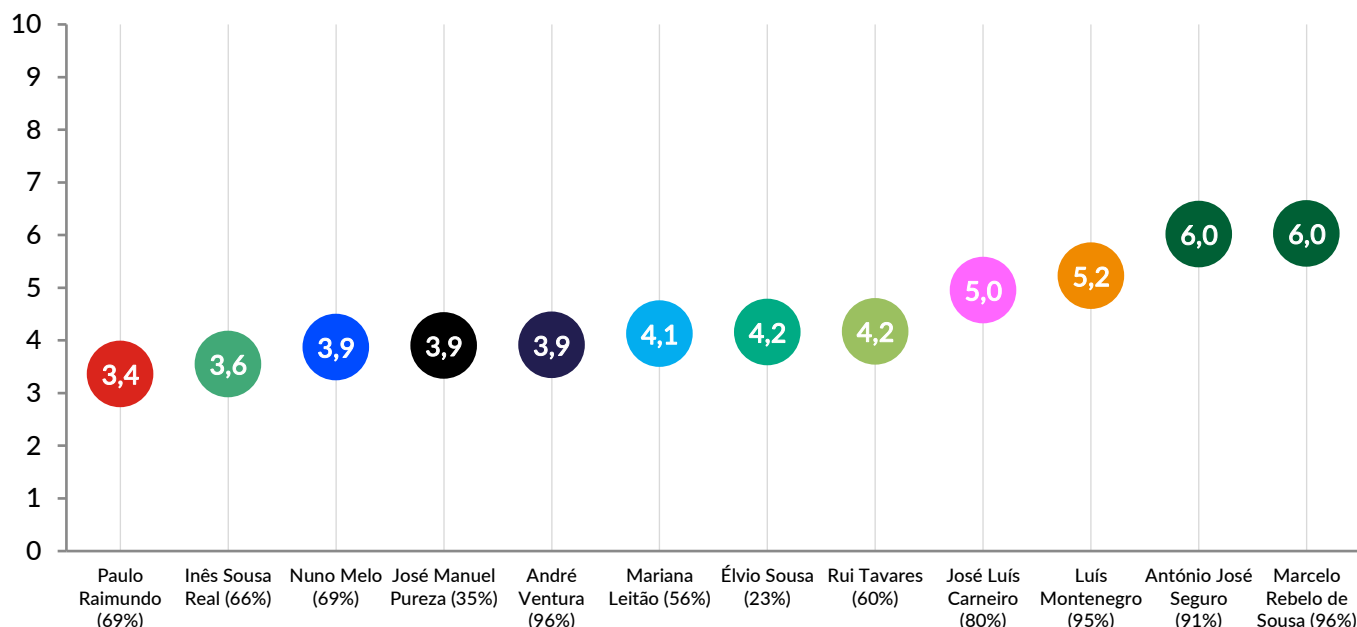
À medida que passamos da faixa etária mais baixa (18-24 anos) para a mais alta (65 ou mais anos), cresce a propensão para achar que a AD deve negociar preferencialmente com o PS, enquanto a opinião de que negociações devem ser feitas com o Chega se torna menos comum. Quase metade dos inquiridos com formação universitária privilegia negociações com o PS (45%), enquanto os que completaram o ensino secundário destacaram mais frequentemente a possibilidade de a AD negociar com o PS ou com o Chega, dependendo do tema (41%), e os menos escolarizados mostram-se divididos entre estas duas opções. A preferência por negociações com o PS é comparativamente menos frequente junto dos inquiridos que vivem com mais dificuldades (32% vs. 43%).

Os inquiridos posicionados à esquerda privilegiam negociações com o PS (61%), enquanto os de direita se distribuíram de forma bastante equitativa pelas três opções apresentadas. Os simpatizantes do Chega e do PS responderam de maneira similar: cerca de dois terços (70% e 65%, respetivamente) consideram que as negociações devem ser preferencialmente com o seu partido e cerca de um quarto que devem envolver ora um, ora outro. Só 4% dos simpatizantes do PSD consideram que a AD deve negociar preferencialmente com o Chega.

10. Avaliação da atuação de figuras políticas

Avaliação da atuação recente de figuras políticas, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Avaliação média dos inquiridos com respostas válidas; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026.

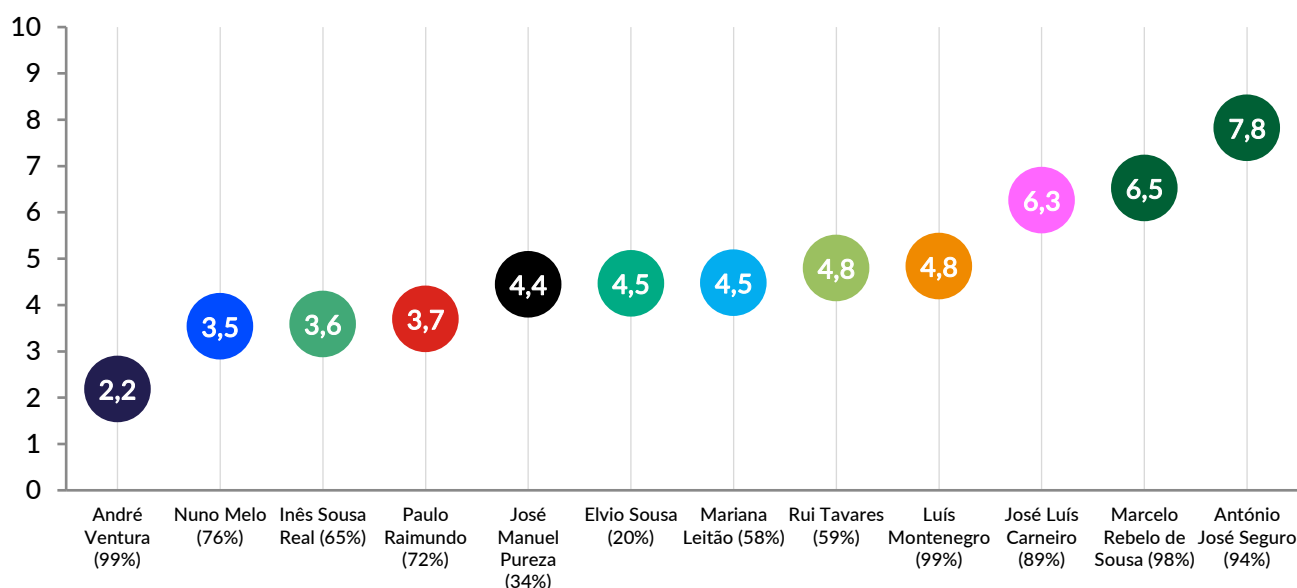
Convidados a avaliar a atuação recente de diferentes figuras políticas numa escala de 0 (muito negativa) a 10 (muito positiva), os inquiridos deram, em média, notas muito semelhantes – ambas em torno do ponto central da escala – a Luís Montenegro (5,2) e a José Luís Carneiro (5). É de realçar que Montenegro é reconhecido e avaliado por mais inquiridos (95%) do que Carneiro (80%). As avaliações destas duas figuras políticas são, por sua vez, cerca de um ponto mais baixas que as alcançadas quer pelo presidente da República em funções durante o trabalho de campo, Marcelo Rebelo de Sousa, quer pelo presidente eleito, António José Seguro (6 em ambos os casos). As restantes figuras políticas foram alvo de avaliações, em média, negativas: Rui Tavares (4,2), Élvio Sousa (4,2), Mariana Leitão (4,1), André Ventura (3,9), José Manuel Pureza (3,9), Nuno Melo (3,9), Inês Sousa Real (3,6) e Paulo Raimundo (3,4).

De destacar que a notoriedade destas figuras políticas é distinta: André Ventura, Marcelo Rebelo de Sousa, Luís Montenegro e António José Seguro foram avaliados por mais de 90% dos inquiridos, ao passo que apenas uma minoria foi capaz de classificar o desempenho de José Manuel Pureza ou de Élvio Sousa.

Face a abril de 2025 – data do último estudo em que esta pergunta foi incluída – identifica-se apenas uma tendência para que André Ventura seja agora mais bem avaliado (3,9 vs. 3,4). As avaliações de Rebelo de Sousa, Montenegro, Tavares, Sousa Real e Raimundo não apresentam variações relevantes. António José Seguro, José Luís Carneiro, Mariana Leitão, José Manuel Pureza e Élvio Sousa tiveram a sua atuação avaliada pela primeira vez no presente estudo.

Avaliação da atuação recente de figuras políticas, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Médias no subgrupo dos simpatizantes do PS; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.

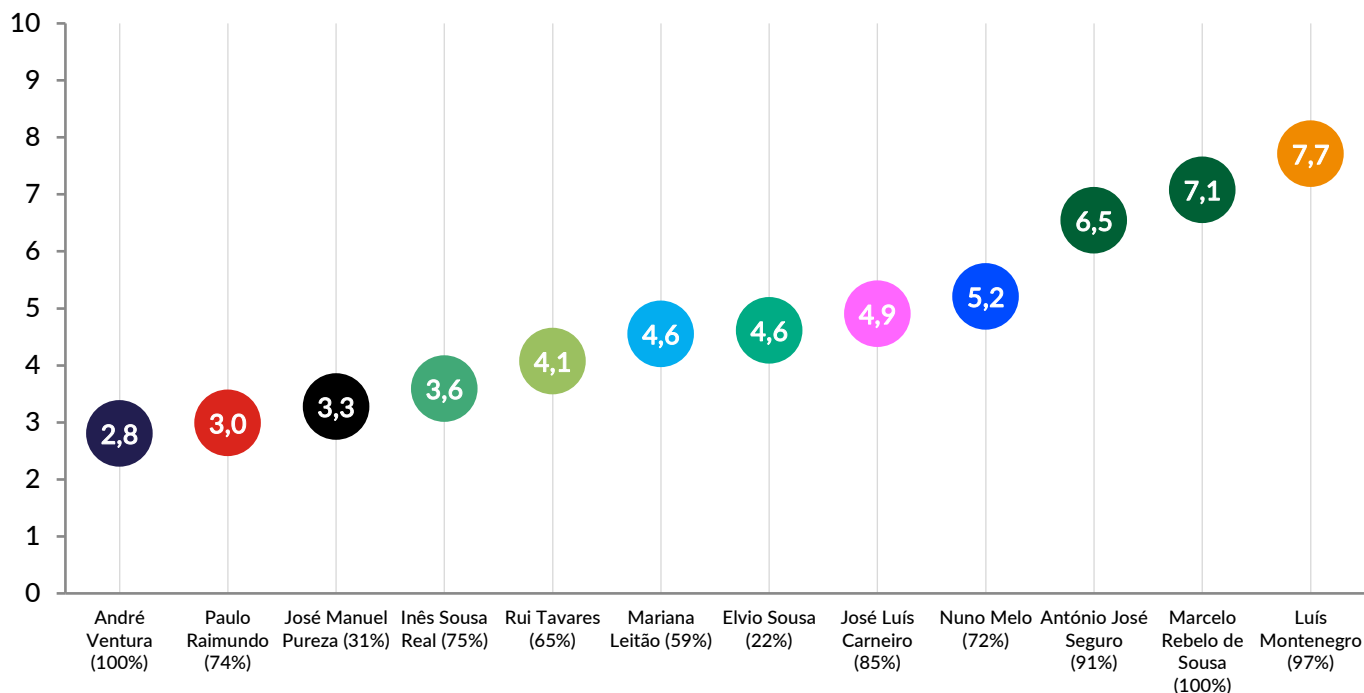


Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026.

Entre os **simpatizantes do PS**, a figura política cuja atuação foi mais bem avaliada é António José Seguro (7,8). Num segundo patamar, encontram-se Marcelo Rebelo de Sousa e José Luís Carneiro, também com avaliações médias positivas (6,5 e 6,3, respetivamente). Seguem-se, com valores pouco abaixo do ponto médio da escala, Luís Montenegro (4,8), Rui Tavares (4,8), Mariana Leitão (4,5), Elvio Sousa (4,5) e José Manuel Pureza (4,4). A média das avaliações é mais baixa no caso de Paulo Raimundo (3,7), Inês Sousa Real (3,6) e Nuno Melo (3,5), sendo André Ventura aquele que foi alvo de uma avaliação, em média, mais negativa (2,2).

Avaliação da atuação recente de figuras políticas, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Médias no subgrupo dos simpatizantes do PSD; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.

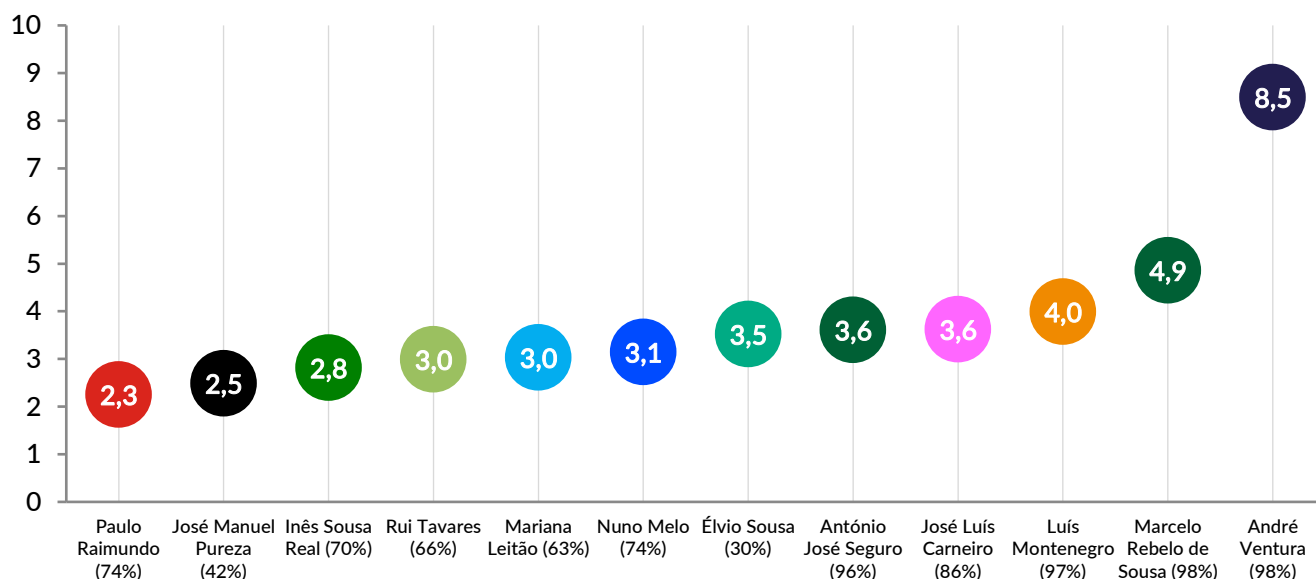


Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026.

No subgrupo dos **simpatizantes do PSD**, a figura política cuja atuação é avaliada de forma mais positiva é Luís Montenegro (7,7), seguindo-se Marcelo Rebelo de Sousa (7,1) e António José Seguro (6,5). Nuno Melo e José Luís Carneiro apresentam médias de avaliações em torno do ponto médio da escala (5,2 e 4,9, respetivamente). Seguem-se Elvijo Sousa e Mariana Leitão (ambos com 4,6), Rui Tavares (4,1), Inês Sousa Real (3,6), José Manuel Pureza (3,3), Paulo Raimundo (3) e, por fim, André Ventura (2,8).

Avaliação da atuação recente de figuras políticas, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Médias no subgrupo dos simpatizantes do Chega; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.



Recolha: 27 de fevereiro a 8 de março de 2026.

Por fim, entre os **simpatizantes do Chega**, André Ventura recebe, em média, avaliações muito positivas (8,5). Em segundo lugar, com um valor próximo do ponto médio da escala, encontra-se Marcelo Rebelo de Sousa (4,9). As restantes figuras políticas incluídas neste estudo foram alvo de avaliações médias mais baixas: Luís Montenegro (4), José Luís Carneiro (3,6), António José Seguro (3,6), Élvio Sousa (3,5), Nuno Melo (3,1), Mariana Leitão (3), Rui Tavares (3), Inês Sousa Real (2,8), José Manuel Pureza (2,5) e, por fim, Paulo Raimundo (2,3).

